

Universidade De Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia

Jamila Miguel Jacob

**Sírios e Libaneses: árabes diferentes, brasileiros iguais**

**Ou de como a identidade étnica se transforma e se mantém**

Brasília  
2014

Universidade De Brasília

Jamila Miguel Jacob

## **Sírios e Libaneses: árabes diferentes, brasileiros iguais**

**Ou de como a identidade étnica se transforma e se mantém**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Ciências Sociais da Universidade de Brasília, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel com habilitação em Antropologia.

Prof. Dr. Gustavo Lins Ribeiro  
(orientador)

Brasília  
2014

Jamila Miguel Jacob

**Sírios e Libaneses: árabes diferentes, brasileiros iguais**

**Ou de como a identidade étnica se transforma e se mantém**

11 de Dezembro de 2014

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Gustavo Lins Ribeiro

---

Dra. Sônia Cristina Hamid

## AGRADECIMENTOS

Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, mas quando parte, nunca vai só nem nos deixa a sós. Leva um pouco de nós, deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito, mas há os que não levam nada.

*Khalil Gibran*

Agradeço, de todo o coração, àqueles que deixaram muito:

- Meu orientador, Gustavo Lins Ribeiro, por me instigar, me inspirar e, principalmente, pela paciência e inúmeros socorros;
- Aos sírios e libaneses ortodoxos que me acolheram e me deixaram participar, em maior ou menor grau, de suas vidas, me ajudando como podiam, especialmente: Seu José, Seu Sami, Senhor Brasil, Dona Nádia, Seu Amer, João Elias, Seu Elias, Dona Henda, Nasser, Mirelle, Monder, Nazih e Mitri;
- Ao Pe. Valério por disponibilizar o espaço da Igreja e por, juntamente com sua esposa Dona Sandra, me apoiarem durante toda a pesquisa;
- A Márcio Cury, Munir Maasri, Claude Hajjar e Pe. Emmanuel que compartilharam generosamente informações sobre a Síria, o Líbano, e a comunidade na qual fiz a pesquisa;
- Aos meus pais e à minha irmã, que me ouviram falar incessantemente sobre este trabalho, sem reclamar, além de todo o resto;
- A Archibaldo e Nahime, por me ensinarem que existe um mundo a ser conhecido;
- À professora Rosa Melo, pelas conversas em suas aulas proveitosas de métodos e técnicas, nas quais ela me ouvia divagar sobre que tema escolher para meu trabalho final.



## RESUMO

Este trabalho discorre sobre a construção de identidade étnica entre os sírios e libaneses cristãos ortodoxos que migraram para o Brasil entre 1890 e 1969, e seus descendentes que frequentam a Igreja Ortodoxa Antioquina em Brasília. Destacam-se quatro forças histórico-sociológicas que influenciam a identidade étnica desses migrantes, sendo elas a religião, o nacionalismo, a migração e o arabismo. Essas forças interagem com os múltiplos espaços de referencia da colônia, interferindo na forma como os diferentes grupos enxergam sua identidade e interagem entre si. Lanço mão de abordagens de Geertz, Barth e Wolf (dentre outros) e busco entender como a identidade étnica pode ser, ao mesmo tempo, imperativa e contextual.

Palavras-chave: Identidade étnica, migração, Brasil, Líbano, Síria, religião, cristianismo ortodoxo, árabe, nação.

## ABSTRACT

This monograph discusses the construction of ethnic identity among the Syrian and Lebanese Orthodox Christians who migrated to Brazil between 1890 and 1969 and their descendants who attend the Antiochian Orthodox Church in Brasilia. It highlights four historical and sociological forces that influence the ethnic identity of these migrants, these forces are religion, nationalism, migration and Arabism. These forces interact with multiple spaces, which are a reference for the colony, interfering in how different groups see their identity and interact with each other. I draw from theories of Geertz, Barth and Wolf (among others) and seek to understand how ethnic identity can be at the same time, imperative and contextual.

Keywords: Ethnic identity, migration, Brazil, Lebanon, Syria, religion, Orthodox Christianity, Arab, nation.

## SUMARIO

### **CAPÍTULO I**

|                         |          |
|-------------------------|----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b> | <b>6</b> |
|-------------------------|----------|

### **CAPÍTULO II**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>“WE ARE A FAMILY, YOU KNOW? LIKE THE CORLEONES.” PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR.....</b> | <b>12</b> |
|---|-----------|

### **CAPÍTULO III**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>EM BUSCA DE FAZER A VIDA: A VINDA PARA, E A VIDA NO BRASIL .....</b> | <b>19</b> |
|---|-----------|

### **CAPÍTULO IV**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>IGREJA ORTODOXA SÃO JORGE DE BRASÍLIA: LUGAR DE FÉ E MICROCOSMO.....</b> | <b>29</b> |
|---|-----------|

### **CAPÍTULO V**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>E OS FENÍCIOS? SOBRE AS NACIONALIDADES SÍRIA E LIBANESA.....</b> | <b>41</b> |
|---|-----------|

### **CAPÍTULO VI**

|                                   |           |
|-----------------------------------|-----------|
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b> | <b>55</b> |
|-----------------------------------|-----------|

|   |           |
|---|-----------|
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b> | <b>59</b> |
|---|-----------|

## Capítulo I

### Introdução

Ao estudar antropologia me interessei por questões gerais de identidade, movida pela vontade de compreender a natureza da diferença cultural, se ela é essência ou superfície, quais elementos mudam e quais permanecem os mesmos quando um grupo altera suas percepções sobre si e o que torna possível a transformação da identidade e a sua manutenção.<sup>1</sup> Como descendente de libaneses, possuía algum conhecimento e afinidade com o tópico da migração síria e libanesa para o Brasil. Então foi fácil escolher o tema de meu trabalho final: como é formada a identidade étnica<sup>2</sup> dos sírios, libaneses que migraram entre 1890 e 1969 e seus descendentes cristãos ortodoxos que frequentam a Igreja Ortodoxa São Jorge em Brasília.

Escolhi fazer a pesquisa com um grupo religioso específico (cristão Ortodoxo) por causa do papel importante que a religião desempenha no Oriente Médio. Para eles a religião, juntamente com a crença de pertencimento a uma determinada nação, moldam o ethos e a visão de mundo<sup>3</sup>, de modo que nacionais de diferentes religiões possuem hábitos e crenças diferentes. Engloba-se apenas as levas que imigraram entre 1890 e 1969 porque elas já se encontram melhor inseridas na sociedade brasileira e possuem causas de migração semelhantes. As migrações que ocorreram posteriormente a essa data costumam divergir grandemente em suas causas. Com o estabelecimento da ditadura do Partido Ba‘th<sup>4</sup> na Síria, iniciada por meio de um golpe de Estado em 1963, alguns sírios continuaram migrando por razões econômicas, outros começaram a migrar por causa de perseguições políticas. Muitos dos libaneses que migraram depois de 1969 não haveriam migrado se o país não tivesse entrado em um violenta guerra civil que durou de 1975 a 1990. Os migrantes sírios e libaneses que migraram nos anos 2000 dificilmente possuíram os mesmos motivos para migrarem, enquanto os sírios vieram por causa da guerra civil, das mais variadas religiões. Já

---

<sup>1</sup> Essas não são as perguntas dessa monografia, ainda não tenho uma resposta para elas que permanecerão comigo para posteriores estudos. De toda forma, elas inspiram as perguntas da monografia.

<sup>2</sup> No decorrer da monografia o termo identidade étnica é muitas vezes referido apenas como identidade.

<sup>3</sup> A visão de mundo é o plano normativo, a estrutura da realidade adotada. O ethos são os aspectos morais e estéticos, o tom, o caráter e a qualidade de vida. (GEERTZ, 2012)

<sup>4</sup> O partido se opunha a um pequeno número de famílias urbanas que comandavam a Síria, e foi formado por membros de uma nova classe média proveniente de minorias étnico-religiosas como cristãos, alawitas e drusos, possuindo ideais pan-árabes e incorporando mais tardiamente, ideais socialistas. (HOURANI, 1991)

os libaneses que vieram nesse período eram predominantemente muçulmanos e migraram por motivos econômicos.

A Igreja Ortodoxa Antioquina em Brasília (localizada na QI 9, Lago Sul) foi o local que escolhi para começar a pesquisa, pois ela é um polo de aglomeração da sociedade ortodoxa síria e libanesa, no qual as questões identitárias se apresentam. Trata-se, portanto, de um excelente espaço para analisar como esses imigrantes ora se identificam, ora se opõem, ou simplesmente esquecem as categorias de identidade. A primeira vez que entrei em seus recintos foi para realizar um pré-projeto de pesquisa, que tratava sobre como a religião e a identidade se relacionavam entre os migrantes sírio-libaneses, para a disciplina de Métodos e Técnicas em Ciências Sociais em 2012. Fui recebida por Juan Ruston, na época o padre responsável pela Igreja, que permitiu minha presença. O padre Valério, que o substituiu, continuou a disponibilizar o espaço.

Mesmo com a boa vontade dos padres, muitas vezes eu me apresentava sozinha às pessoas, para que a pesquisa pudesse se desenvolver mais agilmente. Antes de concederem entrevistas, as pessoas me arguíam sobre a minha descendência e sobre minha família<sup>5</sup>. No entanto, as perguntas variavam. Alguns queriam saber se conheciam a minha família, outros se eu era descendente de árabes, alguns queriam saber mais especificamente se era síria ou libanesa. Foi a minha descendência que conseguiu a boa vontade de muitas pessoas para comigo, pois de algum modo criava um passado comum, alguma semelhança entre nós.

A pesquisa que deu origem a essa monografia ocorreu entre janeiro e junho de 2014, foram ao todo 30 missas e participação em alguns eventos como almoços beneficentes. As missas ocorrem aos domingos às 11 horas e são seguidas por um café no qual as pessoas aproveitam para sentar e conversar. Com algumas pessoas, com as quais estabeleci uma conexão maior, convivi fora do ambiente da Igreja, visitando-as em suas casas. Durante a pesquisa tive a oportunidade de assistir a um casamento, durante o qual as afinidades entre os grupos familiares que frequentam a Igreja se revelaram de forma mais explícita.

Os fatos que apresento nesse trabalho foram frutos da convivência com as pessoas, de conversas aparentemente banais, da observação do modo como elas agiam, andavam, se vestiam e reagiam. As observei também pelo facebook, que ajudou a perceber como as pessoas se relacionavam uma com as outras e quem era mais próximo de quem por meio de fotos, posts e comentários. No entanto, na maioria das vezes, para poder compreender como alguém pensa sobre um assunto é importante que se converse explicitamente sobre ele, por

---

<sup>5</sup> Eu possuo fortes traços “árabes”, além do meu nome ser, também, árabe.

isso realizei algumas entrevistas formais. Foram entrevistados mais homens que mulheres porque eles se sentiam mais confortáveis falando. Muitas mulheres, quando lhes solicitava uma entrevista, me pediam para entrevistar seus maridos. No começo tentei entrevistar o maior número de pessoas possível, mas no final ficou claro que os grupos ( a Igreja é dividido em três grupos familiares extensos) já possuíam seus representantes, para os quais fui direcionada pelos meus outros interlocutores, de modo que acabei por realizar entrevistas mais profundas com esses representantes. Foram entrevistados formalmente 11 homens e 6 mulheres, 7 libaneses e 10 sírios. O fato de haver menos libaneses do que sírios decorre de uma discrepância existente entre o numero de sírios e libaneses que frequentam a Igreja. A maioria dos entrevistados possuía entre 50 e 80 anos<sup>6</sup>. Entrevistei, também, algumas pessoas que possuíam vasto conhecimento da comunidade, mas não faziam parte dela, como o Padre Emmanuel da Igreja Ortodoxa Grega, Márcio Cury e Munir Maasri, que me ajudaram a identificar melhor alguns símbolos de diferenciação de identidade que a princípio me confundiam um pouco.

Dentro da Igreja pode-se perceber quatro forças histórico-sociológicas que estruturam a identidade: o nacionalismo, o arabismo, a migração e a religião. Essas forças se relacionam não somente com a Igreja, mas também com entidades e dinâmicas exteriores a ela, que variam em tamanho, formato e conteúdo; são eles o Brasil, enquanto Estado-nação, Brasília, a Síria, o Líbano, o conjunto dos países árabes, o Clube Monte Líbano de Brasília e a Federação de Entidades Americanas Árabes (FEARAB). No decorrer dessa monografia essas forças serão apresentadas, juntamente com os espaços com os quais se relacionam para a melhor compreensão de como as pessoas com quem eu fiz a pesquisa enxergam a sua identidade.

As forças histórico-sociológicas, juntamente com as entidades e dinâmicas com as quais se relacionam, criam um leque de possibilidades de identificação, formando um universo rico para se debater a multiplicidade de possibilidades de identificações por parte de indivíduos que se encontram em contextos multiculturais. Acredita-se que se uma dessas forças ou uma dessas entidades e dinâmicas modificam-se em sua forma ou conteúdo, o leque de possibilidades de identificação também se transforma, pois cada uma delas possui o poder de criar e transformar a percepção sobre os outros. Essas transformações ocorrem por meio de eventos cotidianos, que buscam reproduzir a crença original transformando-a em um processo de ação e reação. Buscamos ao longo da monografia entender como os fatos, as quatro forças histórico-sociológicas e as entidades e dinâmicas mencionadas se relacionam e se alteram,

---

<sup>6</sup> Apenas dois dos entrevistados possuíam menos de 50 anos.

(in)formando a identidade a cada momento e possibilitando modificar a crença do indivíduo no que se é, ao mesmo tempo em que cria inúmeras possibilidades de apresentar o que se é para o mundo.

A teoria em que me apoio será considerada no começo de cada capítulo e será seguida pela parte etnográfica (exceto no segundo capítulo), para que o leitor possa acompanhar e facilmente relacionar fato e teoria, que apesar de separados na escrita, não o são na vida real. A escolha foi por teorias clássicas, por acreditar que os bons trabalhos antropológicos são frutos da tensão criada pela reinterpretação de clássicos, por meio da experiência de campo.

Há uma forte influência de Geertz e Wolf, uma combinação aparentemente exótica, mas que consegue dar significado e ilustrar os acontecimentos por mim vivenciados durante a pesquisa. Geertz se preocupa em como a identidade étnica é formada por um grupo que se assemelha psicológica e culturalmente e como ela pode se transformar em diferentes contextos, porém, sem perder sua essência. Wolf demonstra como ela pode ser compartilhada por grupos distintos psicológica e culturalmente, que se relacionam por meio de símbolos partilhados e acreditam em uma origem comum. Enquanto Geertz é mais frequentemente citado nas partes teóricas dos capítulos, Wolf aparece com muita frequência na parte etnográfica, juntos conseguem iluminar o cenário identitário tal como concebido nesse trabalho.

Outro autor que me inspirou, mas que apenas foi citado no quarto capítulo, foi Barth. Sua influência pode ser percebida por toda a monografia, nos conceitos de fronteira identitária, e na percepção de que uma identidade é formada em relação a um outro, do qual se crê diferente. Para ele a identidade (étnica) é formada por meio de interações sociais, não de sua ausência, de modo que diferentes grupos étnicos convivem em um mesmo sistema social abrangente. Para Barth grupos étnicos são definidos pelos próprios atores, tendo como característica a organização das interações entre as pessoas. As diferenças que delimitam as fronteiras étnicas não são o somatório de diferenças objetivas, mas apenas aquelas que os atores acreditam ser importantes. Por isso, são usadas por eles como emblemas de seu grupo. Ele também encontra um problema similar ao que encontramos aqui, uma identidade contextual que se forma frente a um interlocutor e que pode ser abrangente se manifestando com seus símbolos e características culturais mais fortemente em um indivíduo do que em outro, podendo ser cambiada à medida em que o ator enxerga vantagens evidentes em fazê-lo, ou quando valores étnicos não são sustentados frente a uma performance que seria considerada inadequada, mas que representa alguma vantagem. Por outro lado, a identidade étnica “é uma identidade imperativa, uma vez que não pode ser desconsiderada ou deixada de

lado em função de outras definições da situação.” (BARTH,2000:37) Durante a monografia, veremos que há aspectos do que se é que não podem ser deixados de lado, que acompanham o migrante desde a sua terra de origem, mas também que existem meios de transformar a identidade e ampliá-la. É nessa parte que recorro à noção de transnacionalidade de Lins Ribeiro, pois ela nos ajuda a compreender como um sírio ou um libanês que migra pode se tornar também brasileiro.

A literatura específica sobre migrantes sírios e libaneses e a formação da identidade síria ou libanesa é vasta, mas decidi não apresentá-la em toda a sua amplitude. Houve uma grande influência de Gattaz, Truzzi e Hitti, pois as suas obras davam sentido tanto à teoria deste trabalho quanto aos fatos vivenciados durante a pesquisa. Outros me inspiraram e foram mencionados em curtas passagens<sup>7</sup>. Não procuro discutir porque um autor encontrou conclusões parecidas com as minhas, ou diferentes, pois acredito que cada grupo de migrantes, localizados em diferentes cidades do Brasil, possuem também sua própria lógica, já que se relacionam com outras entidades e dinâmicas. Do mesmo modo, dependendo do que o autor procurava, de sua experiência de vida, de sua relação com quem se realiza a pesquisa, em suma, de quem ele é, a pesquisa é afetada de uma maneira ou outra, assim como seus resultados.

Este trabalho está estruturado em seis capítulos, incluindo Introdução e Considerações Finais. O capítulo dois apresenta como ocorrem as interações entre as pessoas com as quais realizei a pesquisa e quem elas são, de onde vieram, por onde passaram, onde elas estão e um pouco de como elas percebem a vida, assim servindo como plano de fundo para os outros capítulos.

O capítulo três fala sobre a migração de uma forma abrangente. Nele discute-se sobre internacionalidade e transnacionalidade, pertencimento a duas sociedades distintas e o não pertencer completamente a nenhuma das duas. Neste capítulo, são apresentadas as teorias de Geertz que abarcam a possibilidade de alteração da identidade, da pluralidade das maneiras de ser e de como as variedades e as afinidades se unem para definir a identidade. Em seguida apresentamos como os próprios entrevistados formulavam suas interpretações sobre a migração síria e libanesa e como elas se diferenciavam e se assemelhavam aos padrões que marcavam as histórias pessoais. Menciona-se, também, como os sírios e libaneses que participaram dessa pesquisa se relacionam com o Brasil e com os brasileiros. No decorrer do capítulo, escolhi chamar os entrevistados de Z, Y, W, X porque não me senti confortável

---

<sup>7</sup> Especialmente Denise Jardim com sua tese sobre palestinos no Chuí.

nomeando as pessoas. Ademais, não queria revelar a identidade dos entrevistados, por questões éticas, e precisava me referir múltiplas vezes as suas entrevistas.

No capítulo quatro, a teoria de Barth que envolve identidade étnica contextual, fronteiras dos grupos étnicos e repertório seletivo de contrastes, finalmente é apresentada neste trabalho. Este é um capítulo central que conecta de forma mais clara as quatro forças histórico-sociológicas: a migração, ao se falar sobre o relacionamento com os brasileiros dentro da Igreja; o nacionalismo e menos intensamente o arabismo, ao falar sobre as diferentes formas de percepção sobre o espaço da Igreja e sobre a religião pelos sírios e pelos libaneses. A força que nele trato mais amplamente é a religião cuja importância é fundamental como fator de fé e de identidade. Assim a Igreja é apresentada como possuindo, além dos seus papéis religiosos, o de microcosmo. Neste capítulo pela primeira vez aparecem nomes, porque são pessoas públicas que participaram de um processo histórico, importante para a existência daquela comunidade tal como ela é, a construção da Igreja Ortodoxa São Jorge .

No capítulo cinco discutimos como o nacionalismo e o arabismo interagem em um leque identitário. Essas duas forças histórico-sociológicas evidenciam dois grupos distintos: sírio e libanês. Contudo, uma se sobrepõe a outra, visto que a noção do que é ser árabe varia de acordo com a nação da qual se é proveniente. Wolf e Geertz aparecem dialogando pela primeira vez, ao tentar explicar o que é uma nação e como ela se relaciona com a identidade. Nele abordamos, de forma mais ampla, os espaços do Clube Monte Líbano e da FEARAB. Priorizou-se a transcrição de entrevistas, no lugar de resumi-las em minhas palavras, por considerar esse um tema mais delicado, no qual seria melhor deixar o entrevistado falar, mantendo a teoria antropológica, ainda mais separada, do que no resto da monografia, da perspectiva nativa, para que ambas possam se tornar mais claras para o leitor e de maior utilidade, quem sabe, para outros pesquisadores.



## Capítulo II

### **“We are a Family, you know? Like the Corleones.” Princípios que orientam a organização familiar**

O Império Turco-Otomano dominou por muito tempo o Oriente Médio. Durante essa dominação, os povos que lá habitavam se identificavam por meio de suas famílias, aldeias (no nível micro) e religião (no nível macro), não havendo uma clara distinção entre Síria e Líbano. No entanto, com o século XX, o nacionalismo entra em cena, principalmente por causa da independência ou sua busca em relação às potências europeias que haviam tomado o lugar do Império Turco-Otomano. Na década de 1940, primeiro o Líbano se tornou independente e depois a Síria (TRUZZI, 2008). Apresentarei os fatos reduzidamente, pois não são eles que interessam, mas sim a visão dos membros do grupo estudado. Sírios e libaneses possuem visões divergentes. Deste modo, contam histórias diferentes e até contraditórias, cada um focando em sua pátria. Nos fragmentos de duas entrevistas abaixo, a primeira com um sírio e a segunda com um libanês, os entrevistados representam de forma geral as visões de seus compatriotas.

A Síria, o Líbano, a Jordânia e o Iraque eram a mesma coisa, o povo é a mesma coisa, durante o império Turco, eram todos designados de grande Síria, mas aí as potências europeias chegaram e começaram a semear a discórdia, dividiram para dominar. Se não fossem eles, ainda seria a mesma coisa (entrevistado sírio).

Líbano e Síria era tudo considerado a mesma coisa durante o império turco, é verdade, mas libanês não é sírio, tem muita semelhança com aquele pessoal da fronteira, mas observa: a mentalidade é diferente, olha os nossos governos, o Líbano é uma democracia, tem um povo único, mais inteligente. Mesmo naquela época os turcos tratavam a região que é o Líbano diferente, era uma região que tinha mais autonomia (entrevistado libanês).

A fronteira foi criada recentemente, nenhum deles nega, apenas a encaram de modo diferente. Os sírios a enxergam como artificial e os libaneses como natural, como a divisão entre duas distintas culturas. Os primeiros percebem uma fronteira política que se torna aos poucos uma fronteira identitária, os últimos creem que a fronteira política foi uma consolidação de uma fronteira identitária enfraquecida e reprimida pelo império turco, que com seu declínio pôde se tornar forte e óbvia.

Além da fronteira nacional, alguns de meus entrevistados, em sua maioria os sírios, definiram uma fronteira religiosa que teria uma circunferência de raio de 300 km. É desta circunferência predominantemente cristã que vieram todos os imigrantes que participaram desta pesquisa. Pode-se dizer que a religião e a migração (a saída dessa área de 300 km, a chegada no Brasil e a vinda para Brasília) possuem uma expressão física bem circunscrita, enquanto o arabismo é mais abrangente. Ele é mais flexível, pois há várias definições do que é ser árabe, o que suas linhas demarcadoras tornam, muitas vezes, confusas na mente de algumas das pessoas com quem estabeleci diálogo, como demonstrarei em um capítulo adiante.

Frente à sociedade nacional brasileira, a colônia sírio-libanesa pode ser percebida como uma comunidade sem grandes divisões internas, mas para aquele que vive em seu meio é fácil perceber fragmentos profundos. A diferença de percepção de acordo com o local de observação ocorre porque a migração faz conviver grupos diversos e em algumas vezes até mesmo adversários que buscam reviver aspectos da vida cultural da terra de origem, mas essa discussão, como já foi dito, cabe aos próximos capítulos.

A importância que os membros da colônia dão às fronteiras traçadas pelo nacionalismo, à religião e à migração podem ser percebidas pelos casamentos. Não há casamentos com muçulmanos, muitos poucos casam com outros tipos de cristãos que não sejam brasileiros. E apesar de haver sírios casados com libaneses, é um número muito pequeno e ocorre entre pessoas que viviam na fronteira da terra natal, ou em gerações mais longínquas de descendentes, quase nunca entre migrantes ou seus filhos. O fato de pessoas da mesma nacionalidade e da mesma religião casarem umas com as outras e com brasileiros, mas não com nacionais de outras religiões ou ortodoxos de outras nacionalidades preferindo em seu lugar brasileiros, coincide com o caso estudado por Wolf (2003) nos Alpes. Ele constatou que os habitantes das vizinhas São Felix e Tret, casavam sem reservas com forasteiros que se instalavam em suas cidades, mas raramente casavam uns com os outros, apesar de possuírem amizade e conviverem diariamente, significando que “a fronteira entre as duas comunidades não é impermeável, mas é real” (WOLF, 2003:233).

Uma de minhas interlocutoras, nascida em Damasco, era filha de uma libanesa e um sírio (seus pais eram de cidades vizinhas que possuíam relações estreitas, mas foram divididas pela fronteira) e um dos meus interlocutores, nascido em Anápolis, era filho de mãe de origem libanesa e de pai sírio. Ambos eram considerados sírios e tinham sua origem libanesa não mencionada, a não ser quando eles iam contar as histórias de suas famílias incluindo suas respectivas mães. Isso acontece por causa da forma como eles classificam o pertencimento às famílias: o filho sempre pertence à família do pai, isto pode ser visto na nomeação, e nas legislações dos próprios estados da Síria e do Líbano que não concedem cidadania aos descendentes matrilineares e nem aos esposos somente aos descendentes patrilineares e suas esposas<sup>8</sup>. Deste modo, podemos ver a preferência por casamentos entre pessoas da mesma nacionalidade, não somente como expressão de redes de parentesco e amizade na terra de origem, mas também como forma de manter a nacionalidade. As mulheres querendo passar sua nacionalidade para os seus filhos e os homens preferindo casar com as suas nacionais para, não apenas, manter a fronteira entre as nacionalidades intacta, mas também para manter a identidade mais “pura”. Misturar seria colocar em risco a essência nacional, a “substância comum original” que liga o ego aos outros nacionais, seria arriscar o parentesco imputado que funda a nação (WOLF, 2003: 244).

Em uma sociedade onde a dominação masculina opera, a lógica da descendência patrilinear relaciona-se ao fato da mulher, com o casamento, passar a pertencer ao marido, já que o feminino é inferior e deve ser guiado pelo masculino, de modo que os filhos, apesar de educados pelas mães, são também propriedade do pai. Em sociedades mediterrâneas em que o masculino prevalece sobre o feminino de forma associada ao órgão reprodutor masculino, assumindo assim uma “desculpa” biológica para prevalecer sobre o feminino, há também uma divisão de tarefas, uma especialização dos sexos, cabendo à mulher as funções consideradas passivas, relacionadas ao lar, e ao homem as funções consideradas ativas, relacionadas à vida pública (BOURDIEU, 2002). Essa especialização reflete nos motivos que levaram homens e mulheres a migrarem, no modo como elas se comportam e enxergam o mundo.

As pessoas com quem convivi dentro da Igreja, ao saírem de seus países, vinham das mais diversas classes econômico-sociais. Em sua maioria, vinham do interior e eram de famílias agrárias fortemente ligadas à terra, os outros eram cidadãos de classe baixa sem escolaridade ou classe média baixa com escolaridade, conquanto sem oportunidades de trabalho. Foram raros os que chegaram aqui sem possuírem algum parente estabelecido ou algum amigo para

---

<sup>8</sup> Ver o site da Embaixada Libanesa: <<http://www.libano.org.br/servicosconsulares.htm>>, o site da Embaixada da Síria não se refere ao assunto.

ajudar. A maioria dos meus interlocutores começou realizando trabalhos que necessitavam de pouca ou nenhuma educação, começando como balconistas em lojas de patrícios ou vendedores ambulantes associados a patrícios. Assim, poderiam ser considerados membros de uma classe econômico-social menos favorecida. Hoje grande parte deles se consolidou como classe média alta, vivendo em um bairro nobre de Brasília, o Lago Sul, onde também se encontra a Igreja. Tal bairro encontra-se afastado das áreas periféricas do Distrito Federal dificultando o acesso para pessoas mais pobres, o que inclui migrantes que não foram bem sucedidos economicamente. Isso reflete na pesquisa, já que grande parte das pessoas que dela participaram em maior ou menor grau conseguiu sucesso econômico. Talvez, por isso mesmo, eles se orgulham de contarem que conseguiram “fazer a vida” e se referem aos outros frequentadores da igreja como grandes homens.

Ser um grande homem significa, principalmente, ser honrado, o que na concepção deles é a mesma coisa que honesto, ou seja, trabalhador, empenhado em sustentar a família, disposto a ajudar a comunidade mais ampla e preocupado em não prejudicar ninguém, endossar a própria palavra e ser assertivo, como podemos perceber pelas ofensas facilmente tomadas durante discussões sobre dinheiro ou eventos a serem realizados. Se um dos presentes sugere que o outro mude a forma como ele está guiando a organização de um evento, este outro se sente ofendido. Deve-se observar que esta ofensa também depende de quem está falando, há um grupo de pessoas que tem maior liberdade para falar umas com as outras e apontarem seus defeitos, sem gerar ofensas, mas também, sem que o outro admita estar errado, o que seria uma ofensa à sua posição de pessoa honrada que sabe o que está fazendo. As pessoas que possuem essa liberdade umas com as outras são os frequentadores mais antigos da Igreja e que se conhecem há mais tempo.

Ser um grande homem, ser honrado, é também possuir ambição e garra suficientes para elevar o status próprio e de sua família, que estão intrinsecamente conectados, por meio de suas atitudes que demonstram bondade e, também, por meio do crescimento econômico e da realização de projetos concretos para a comunidade. A placa inaugural do Clube Monte-Líbano indica o tipo de homem que eles acreditam ser ou se esforçam por ser:

Homens existem cujo amor pátrio, desprendimento, e cuja a honradez e perseverança fiel aos seus princípios, adquirem forças para executarem pequenas obras que se eternizam pelos seus elevados ideais: semearam neste planalto brasileiro um pedaço do Líbano para nele cultuarmos a grandeza fraternal dos dois países.

A honradez e a perseverança fiel aos princípios apareceram constantemente nas entrevistas ou em conversas informais. Muitas vezes, ao explicar que não apareceriam nomes neste trabalho, para que os meus interlocutores se sentissem mais relaxados para falar sobre questões mais delicadas, recebia como resposta: “a minha palavra é a minha palavra, ela não muda, se quiser pode colocar meu nome aí, mostrar essa gravação para quem quiser”; “eu não devo nada para ninguém, se eu penso que uma coisa é ruim, eu falo mesmo”; “não tenho porque esconder” ou ainda “eu sou honesto, eu tenho honra, a minha palavra, os meus princípios são uma coisa só”.

Pela placa podemos perceber também a importância do elogio, que na concepção deles é demonstrar respeito ou carinho, se auto elogiar também não é um problema, é uma forma de demonstrar amor próprio e auto-respeito, de demonstrar sua dignidade. O comportamento honrado e os tipos de elogios variam de acordo com o sexo. Ser uma mulher honrada não é fazer fortuna, nem mesmo sustentar a família, é zelar pela família, cuidar do marido e dos filhos. O status da mulher está diretamente ligado aos homens de sua família, assim não se ouve falar em grandes mulheres como em grandes homens, mas em mulheres muito boas, que são aquelas que aguentam o peso da vida junto ao marido que não conseguiu fazer a vida, as que possuem dotes domésticos muito elevados (ex. cozinhar muito bem), as que têm um comportamento recatado e as filhas e esposas dos grandes homens.

Apesar das diferenças de manifestação de honra para os diferentes gêneros, ela está sempre ligada à família, seja no sentido nuclear, seja no sentido amplo que envolve vários sentidos de parentesco por afinidade ou consanguinidade, e é formada por redes clientelares e de amigos (WOLF, 2003, 93-116) que surgem no país de origem, e que podem ser expandidas no Brasil. Um jovem libanês que passava férias na casa do tio, um dos benfeitores da Igreja, ao tentar explicar a lógica familiar libanesa, em especial a da sua família, apelou para os meus conhecimentos gerais, e resumiu uma explicação longa e detalhada em uma única frase: “*We are a family, you know? Like the Corleones.*”<sup>9</sup>. Essa frase pode ter muitos sentidos. Quando questionei em que sentido ele falava, explicou que seria como a família do filme “O poderoso Chefão” que se constitui por uma família nuclear, centrada em uma figura masculina central, que aglomera outras famílias nucleares ao seu redor, formando uma família extensa. Outro aspecto que essa frase engloba é o da ajuda entre irmãos e o favorecimento de parentes consanguíneos patrilineares dentro da família extensa.

---

<sup>9</sup> “Somos uma família, você sabe?, como os Corleone.”

Enquanto os elogios ocorrem em público, e são feitos para que a pessoa elogiada escute, com a finalidade de inflar-lhe a honra, a fofoca e o falar mal são sussurrados e ocorrem às escondidas. O desmerecer o outro serve para aumentar a própria honra diminuindo a honra do outro. A fofoca ocorre dentro de uma família extensa com a intenção de diminuir o status de outra família e aglomerar famílias menores. Foram inúmeras as vezes que pessoas vieram me contar de forma discreta, como quem comenta algo sem importância, mas com um tom repreensivo, que membros de outras famílias ampliadas estavam envolvidos com políticos corruptos, que um fulano não era bom marido, que tal moça era custosa, e até mesmo, uma vez, que um ciclano gostava de demonstrar que tinha dinheiro, transformando o valorizado sucesso econômico e as obras feitas para a comunidade, em crítica.

No geral, o que me foi mostrado sobre honra pelos meus interlocutores, a associação da honra com a palavra e com o status social, a associação da honra da pessoa ao grupo que a pessoa pertence, coincide com que Pitt-Rivers (1974) escreveu em *Honour and Social Status*. A única diferença encontrada foi no insulto usado para “tomar” a honra do outro para si, ou pelo menos para diminuí-la, o insulto deveria acontecer na frente da pessoa, mas durante a pesquisa ele apareceu na forma de fofoca sem que a pessoa insultada jamais desconfie do insulto. Há insultos que são dirigidos diretamente à pessoa, mas quando eles ocorrem é porque o insultador se sentiu primeiramente insultado por algum ato do insultado, ou seja, ele insulta não para diminuir a honra do outro, mas para recuperar a sua. Penso que isso ocorre porque a intenção, na colônia sírio-libanesa ortodoxa em Brasília, não é diminuir a honra do outro publicamente, mas em uma esfera privada, quando se tenta convencer uma pessoa ainda desvinculada de alguma família a unir-se a sua família extensa. Não se deve diminuir a honra de um grande homem ou de uma boa mulher frente à comunidade geral, pois causaria fortes rupturas dentro da colônia, o que não é desejável, pois a intenção é a de aumentar o status de sua família frente as outras, trazendo para si os recém chegados, não a de romper os laços entre as famílias e destruir a colônia.

Dentro da Igreja a comunidade se organiza em torno de três famílias extensas, ousaria dizer que apenas uma família nuclear (do grupo estudado) por possuir grande status tanto social como econômico, assim, não tendo interesse em participar do jogo político por status dentro da colônia, se encontra fora dessa lógica. Como já foi dito, ser um grande homem é também ser assertivo, e as três famílias competem para ver quem possui a palavra final, possuindo o maior entre os grandes homens. Elas elegem alguém como o seu representante, que seria o ponto de referência da família, normalmente é o mais velho, e direcionam os entrevistadores, sejam cientistas, jornalistas ou apenas curiosos, para um porta voz, aquele



### Capítulo III

#### **Em busca de fazer a vida: a vinda para, e a vida no Brasil**

Os casos de migração, em geral, são bons exemplos de como a identidade (principalmente a étnica) pode ser maleável. De acordo com Gustavo Lins Ribeiro a migração transforma os modos de “representar pertencimento a grupos políticos e socioculturais”, transforma a identidade de acordo com dinâmicas internas ou externas de um novo sistema interétnico. Em contextos de migrações internacionais, as identidades podem se tornar “internacionais” (RIBEIRO,1998:13). Assim as pessoas não respondem o quê ou quem elas são de maneira ordenada ou estável, pois há várias maneiras de fazê-lo.

O mundo atual possui um intenso trânsito de pessoas, de modo a expandir as possíveis formas de identificação. Como explica Geertz, em seu artigo, O Mundo em Pedacos, “até as identidades que persistem ... alteram-se em seus laços, seu conteúdo e seu sentido interno” (GEERTZ, 2007:197). Neste mesmo artigo, citando Charles Taylor e utilizando-se do conceito de “diversidade profunda”, ele demonstra que existe “uma pluralidade de maneiras de fazer parte e de ser, e que possam extrair deles – dela – um sentimento de vinculação, de uma vinculação que não é abrangente nem uniforme, primordial nem imutável, mas que apesar disso é real” ( GEERTZ, 2007:196). Ainda, de acordo com Geertz, a diferença não deve ser vista como o oposto da semelhança, mas como algo que a modela e a complementa. Assim, “não há oposição entre o trabalho delicado, que revela a variedade, e a caracterização geral, que define afinidades. O importante é fazer com que eles iluminem um ao outro e com isso revelem o que é identidade.” (GEERTZ,2007:199)

Para Oswaldo Truzzi, o sírio e o libanês têm suas identidades marcadas por três fatores: a aldeia, a família e a religião (TRUZZI,2008). As categorias de aldeia e família, úteis para pensar o século retrasado e o começo do passado, continuam importantes, mas ocupando um lugar secundário, pois não dão conta do tamanho e da dinâmica do mundo descoberto pelo sírio-libanês por meio da migração e da independência (ganho da soberania, criação do Estado-Nação). Para os que na terra de origem ficaram, a migração não entra como categoria de identificação, porém para os que migraram ela é essencial, visto que cria uma espécie de pertencimento a dois lugares, de identificação com duas culturas, e ao mesmo tempo, os torna



estrangeiros, tanto na terra em que chegaram e escolheram se estabelecer, como na terra de origem (SIMMEL,1979). Os que vieram para o Brasil, como pude identificar durante a pesquisa, ora se identificam como brasileiros e demonstram verdadeira adoração pelo país, ora repudiam essa ideia clamando a vantagem de terem vindo da Síria ou do Líbano. Pode se dizer que muitos deles acabaram por desenvolver uma espécie de transnacionalidade, já que possuem interesses e interferem em fatores em dois países diferentes (RIBEIRO,1997).

Para percebermos como a migração transforma o modo de pensar e de se identificar do migrante sírio e do libanês primeiro apresentarei os relatos sobre migração formulados por eles, depois demonstrarei quais os padrões que marcaram as suas migrações pessoais, e abarcarei a suas relações com o Brasil e com os brasileiros, fazendo uma digressão sobre como a migração transforma a identidade e quais aspectos que vieram da terra de origem ela mascara e quais ela exacerba frente à sociedade nacional.

\*\*\*

Muitos dos senhores entrevistados possuem grande conhecimento sobre a história da migração síria e libanesa. Alguns foram capazes de citar historiadores e sociólogos que estudaram a questão, me sugerindo livros. Muitos me apresentaram com o livro de Lindberg Cury, no qual ele cataloga as famílias “árabes” de Anápolis, já que muitas das famílias sírias e libanesas de Brasília viveram antes em Anápolis, sendo Brasília a sua última estação<sup>11</sup>. Portanto foram capazes de selecionar quais histórias melhor condiziam com a realidade enxergada e criada por eles. Quatro dos senhores se destacaram por apresentar mais detalhadamente a história da migração, e por juntos englobar todos os pontos citados pelos outros membros da comunidade. Escolhe-se relatar as quatro versões não por focarem em diferentes aspectos da mesma história, e sim por contarem histórias diferentes, com roteiros e acontecimentos diferentes.

A primeira versão que apresento foi relatada por um sírio, que durante este capítulo será chamado de Sr. X, e envolve a vinda para o Brasil, o trabalho em família e a adaptação. Ele destaca dois motivos para a migração: a fuga do domínio turco e a vontade de aumentar a produtividade do trabalho.

---

<sup>11</sup> Isto ficará mais claro durante a transcrição de parte de uma entrevista, de um Sr. Y, na qual ele explica porque e como alguns migrantes escolheram vir para o Centro-Oeste.

O árabe era chamado de turco, todo mundo sabe, os países árabes estavam sobre o domínio turco, aí vinha com o passaporte turco. A primeira leva veio para fugir do domínio otomano, depois das sucessivas guerras. Durante o domínio otomano, eles tinham que servir no exército, e os que não eram turcos eram colocados na frente, eram os primeiros a morrer. Depois veio o domínio francês e inglês, aí houve a cisão, a Palestina, a Jordânia ficaram com a Inglaterra, a Síria, o Líbano com a França. Depois da Segunda Guerra houve a independência. Durante o domínio francês o passaporte já era sírio ou libanês, mas era aquilo, a língua do passaporte era o francês. O árabe tinha aquela coisa, vinha para trabalhar. [...] O árabe tem esse problema de vir pra vencer para trabalhar, por causa dessa dificuldade que o país passava, tinha passado por stress de guerra, se tornou independente depois da Segunda Guerra, o pessoal sofreu muito com a guerra. O pai veio, o tio já estava aqui, aí chegando aqui o trabalho é em família. E aí é aquela coisa, a gente acaba virando brasileiro, com os pais árabes. E aqui não tem problema de religião para separar, os meninos, meus filhos, são católicos e nem vão na Ortodoxa.

A segunda versão contada por um filho de sírios, o Sr. Y, conta os motivos da vinda para o Brasil, que envolve a fuga do alistamento no exército turco, a vontade de crescer por meio do trabalho, e o porquê da escolha do Centro Oeste.

Os que vieram primeiro eram cristãos e saíram fugindo do recrutamento, eles não queriam servir o exército turco, ser usados como bucha de canhão. Na verdade eles também já estavam cansados. Durante o domínio Otomano, os padres ortodoxos eram russos, não havia monastério para os locais se tornarem padres, foi graças ao Império Russo que a Ortodoxia não morreu na Síria, porque você pode não perseguir diretamente, mas se você proíbe a formação de padres dentro daquele território, quem vai dar continuidade às Igrejas? [...] Então eles vinham para o Brasil, aqui eles tinham duas opções ou ficar em um cidade grande, onde eles eram apenas mais um, ou ir para o interior, onde eles poderiam fazer a diferença. A migração para Anápolis está diretamente conectada com a construção da Estrada de ferro Araguari-Anápolis. Durante a construção, quando se chegava perto de um rio, tinha que esperar a ponte vir pronta da Inglaterra, o que demorava uns 5 anos, e se formava um povoado ali naquele ponto. Os que davam certo ficavam ali, os outros continuavam a subir junto com a estrada de ferro, até achar um lugar que eles conseguiam se estabelecer, ganhar a vida. Ou seja, quem não deu certo na última estação vai mudando até dar certo. Se decide onde vai ficar pelo lugar que apresenta melhores condições de trabalho. Os que emigraram, emigraram pelo trabalho, assim

é a nossa migração[...] Os imigrantes que vieram depois vieram com outra motivação, aí já é outra história.

A terceira versão contada por um libanês, Sr. Z, é uma tentativa de explicar a migração e também de tratar sobre a diferença de mentalidades e a adaptação no Brasil. Ele é muito culto, estudado no país de origem e viajado, se interessa bastante pelo tema da migração e tem um bom conhecimento do trabalho de acadêmicos como Phillip Hitti e Edward Said.

A tragédia da emigração dos libaneses, tem os sírios, também, tem jordanianos, mas a maioria são libanês. Muita gente diz que o problema era econômico, tem um lado econômico porque o Líbano passou por uma fase muito perigosa como a perseguição, tinha muitas guerras. A cada 20 anos tem uma guerra, uma invasão no Líbano, desde os tempos antigos. A partir de 1870 foi a primeira grande emigração libanesa, a maioria foram cristãos porque tinha uma perseguição durante a presença dos Otomanos. Os cristãos que estavam vivendo na montanha eram perseguidos e havia um complô para acabar com eles, [...] O passaporte era da autoridade turca, por isso o nome turco, mas há muito tempo que o mundo sabe que um libanês não é um turco [...] A segunda grande emigração foi a Primeira Guerra mundial que tinha fome, necessidade, tinha um problema econômica. O libanês tem dois lados, habitantes da montanha são agricultores, os do litoral comerciantes, e quando a guerra chegou os habitante da montanha sofreram muito por causa da fome, e tinha um inseto que come toda a verdura, ela invadiu a montanha libanês e muita gente morreu de fome. Depois 1940, a Segunda Guerra Mundial. Sempre tinha uma razão para fugir, global, do país e pessoal. Tinha por exemplo famílias que tinham de imigrar por causa de vendetta, isso era como uma cicatriz aberta sangrante [...] Mesmo ano passado muitos jovens saíram do Líbano. [...] Aqui eles dizem que tem mais ou menos 12 milhões de descendentes libaneses, o Líbano tem 4 milhões de habitantes. O ser humano tem uma coisa, ele vai atrás da necessidade dele. Todos que saíram estavam atrás de alguma necessidade. Todos que tinham necessidade de segurança fugiram, a necessidade de comer, fugiram, a necessidade da liberdade, fugiram. Se você viaja quando você tem idade mais ou menos 14 ou 15 anos, você já tem cabeça formada, eles encontra um grande problema de identidade. Eles não são mais libanês, nem são brasileiros. Tem um pé aqui e um lá. Você precisa tomar uma decisão ou voltar ou continuar migrando. Eles têm uma forma de pensamento, têm inconformismo, lá tem religião, aqui a liberdade é completa. Quem nasce aqui não tem problema, os outros que vieram nem sempre podiam se integrar totalmente dentro da sociedade por isso formavam clubes, dentro da casa deles tinha a mentalidade libanesa, fora não. Aí os filhos tinham um choque cultural. O problema

de identidade era um problema maior dentro da cabeça, tem gente que depois que viveu aqui voltou pro Líbano, mas não conseguiu adaptar às aldeias deles, porque aqui eles viram uma outra forma de vida. [...] o intelecto tem muita diferença, o libanês vê o mundo diferente do brasileiro. O problema da identidade, eu conheço muitos libaneses que vivem aqui e dificilmente eles conseguem mudar, do lado comercial eles conseguem se integrar até usar o conhecimento deles do Líbano, porque você sabe os antepassados deles eram os fenícios. Tem uma outra coisa que eu acho muito importante, os primeiros que imigraram mandaram cartas de volta para o país, nestas cartas tem muita mentira, porque para eles o outro lado do mundo era um lugar que se pegava ouro no chão. O cara que sai e vem pra cá e não faz sucesso, ele tem orgulho e não admite que não fez sucesso, ele mente na carta. E o cara que está na aldeia tem a imaginação iluminada e decide emigrar. Você vê no Líbano muitas casas fechadas porque eles deixaram a casa e migraram e não voltaram pra não confessar que não fizeram sucesso.

A quarta versão é sobre a adaptação no Brasil e o amor pela raiz, e me foi contada por um libanês, Sr. W. Dos quatro, é o que menos teve acesso ao ensino formal todavia o que melhor conhece a lógica, a história e a geografia dos migrantes sírios e libaneses no Brasil. Quando lhe falei que era de Ituiutaba, ele soube de imediato o local de onde saíram meus antepassados do Líbano.

Chamava nós de turco porque a Turquia dominava lá, depois a palavra turco o povo esqueceu, veio o libanês e o sírio, o mascate era libanês ou sírio, a comida era libanesa [...] O libanês é sempre ligado à cultura dele, e prova disso é você, veio o seu pai, o seu avô, isso é uma raiz. Minha filha nasceu aqui perguntou donde eu vim, aí eu falei, expliquei quem era meu pai, o avô dela. Depois ela foi estudar lá um tempo, aí viu de onde veio o pai, o avô, o pai do avô dela, pra ela foi bom ver os costumes. Brasil de fato é um país excelente, a gente não está relegando ele, mas a gente tem raiz também. A família é importante, se seu pai contar para você quem é o pai dele que veio, lutou, quem ele é, você vai saber, vai dar valor. Tem família que não conta. A família devia ensinar a língua, hoje você sente falta disso, devia seu avô, não vou culpar seu avô porque ele tava ocupado em fazer a vida dele, veio sem nada de lá. O negócio é o carisma, o brasileiro tem isso também, tem brasileiro que abre a casa pra nós, tem brasileiro que fecha. O povo brasileiro em geral aceitou nós, nós estamos dentro da sociedade: política, grandes industriais, médicos e engenheiros, mas isso porque os imigrantes lutaram por isso. A gente tem um período pra adaptar a gente comia trigo, aqui tem arroz feijão, no começo eu não gostava, vai adaptando. O povo brasileiro é excelente, nunca teve problema, aceito a gente, deu oportunidade pra gente fazer a vida.

Observando estas quatro versões percebemos uma tendência a contar a imigração como forçada, seja por guerras, perseguições políticas ou por necessidades econômicas, com o império turco ocupando um lugar central nas causas que levaram a primeira leva a migrar. O quadro tende a mudar quando eles passam a contar suas histórias individuais. Nelas a vontade de crescer, de ser alguém, de fazer fortuna, geram um encantamento com o Brasil e aparecem como o princípio motivador. A migração deixa de ser uma questão de necessidade e passa a ser uma questão de desejo intenso. Essas histórias têm seus casos mais extremados no exemplo de dois senhores. Um que quando veio com os pais, aos 16 anos, visitar os tios, resolveu ficar e “bateu o pé, até os pais concordarem”; e o outro que, aos 20 anos, decidiu que o Líbano não lhe daria as mesmas oportunidades que o Brasil para fazer a vida, então, sem ter nenhum parente ou amigo próximo no Brasil que o pudesse acolher, embarcou sem dinheiro e ao chegar já havia conseguido 200 dólares, graças a suas habilidades musicais que lhe renderam gorjetas durante o traslado de navio. Chegando ao Brasil, descobriu quais eram as lojas de patrícios, e foi em cada uma delas, até arrumar um emprego. Perspicaz e esforçado, decidido a lutar pelo seu sonho de fazer a vida no Brasil, rapidamente, se tornou um empresário bem sucedido.

Talvez tenha prevalecido a necessidade quando uns poucos primeiros migraram, mas bastou que eles enviassem uma carta contando de sua bem aventurança para as suas aldeias para que o desejo de fazer a vida se tornasse maior do que a necessidade. A intenção não é negar que muitos saíram de seus países por necessidade, como perseguições políticas, fomes e guerras, é somente afirmar que o que deu à migração o seu caráter atual, havendo quatro vezes mais libaneses no Brasil do que no Líbano, foi o desejo de fazer a vida. Mesmo que esse aspecto apareça de forma sucinta em alguns casos, ele está presente em todos. Inclusive delimitamos a pesquisa para os que migraram até 1969, para escaparmos do período da guerra civil libanesa que gerou uma leva de migrantes que não conseguiram o mesmo sucesso econômico que as outras e, ao que tudo indica, saíram por necessidade, em vez de por dinheiro<sup>12</sup>. Durante o governo dos Assaad a migração de sírios foi muito baixa, e em Brasília, existem duas vezes mais libaneses do que sírios, enquanto há mais sírios frequentando a Igreja. Parece ser que, para as primeiras gerações falar de migração sírio-libanesa, não seria

---

<sup>12</sup> Ao que pude perceber ao conviver, também, com um leva de libaneses e de sírios que vieram nos últimos oito anos, há uma grande diferença entre elas. Enquanto os sírios vêm pela necessidade (por causa da guerra civil), os libaneses, das mais diversas religiões, vêm para fazer a vida.

um erro, mas continuar a fazê-lo depois de 1969, seria sim, pois englobaria dois fenômenos que são totalmente distintos.

Outro ponto a se observar, quando eles contam suas histórias pessoais, é a ênfase, que beira a idolatria, sobre a condição socioeconômica que viviam em seu país. Sempre que puderem, irão mencionar com orgulho que ele começaram muito pobres, não haviam completado nem o ensino médio ou o fundamental, mas eram tão determinados e inteligentes que chegaram ao Brasil e conseguiram mudar radicalmente de classe social, seja por meio de um sucesso econômico ou pela realização por meio dos filhos. Não é raro escutar pais se gabando do fato de todos os seus filhos e sobrinhos terem se formado. Se a pessoa saiu de uma família um pouco mais privilegiada e teve acesso aos estudos, ela se orgulhará de ter estudado, de ter saído de uma família que não era pobre, e dirá “eu vim para o Brasil mesmo porque eu queria mais, e encontrei mais”, ou “foi a minha educação que me ajudou aqui no Brasil”. Essa ambição, que na verdade é um desejo de provar a sua capacidade de tornar-se um grande homem, soma-se à noção de honra prevaiente em sua terra de origem.

Assim como na história da migração em geral, há um importante papel das redes de parentesco e amizade. Todos os meus entrevistados vieram, ou seus antepassados vieram, já contando pelo menos com um parente ou amigo aqui, exceto o senhor com habilidades musicais, já mencionado.

As mulheres, por sua vez, são relegadas a um papel passivo na história da migração, ou seja, nunca são perseguidas, envolvidas com política, possuem ambições próprias, apenas são acompanhantes dos pais e dos maridos. Porém, nas histórias pessoais, algumas ocupam um papel ativo. Muitos relatam que foram suas mães que os incentivaram a migrar, visando para eles uma condição econômica melhor, enquanto outros relatam que foram suas mães que os faziam voltar para visitar a terra de origem e decidiam sua vida conjugal, escolhiam a moça que iria migrar para o Brasil com o seu filho, ou as enviavam para tal finalidade. A esposa, mesmo inicialmente ocupando um papel passivo, obedecendo os seus pais, os pais do marido e o marido, muitas vezes, no Brasil, usam o seu domínio, o da casa (DA MATTA, 1997), e os seus dotes femininos, como a culinária, ou sua capacidade de aglomeração e organização de eventos, aglomerando as pessoas ao redor de sua casa, fazendo com que elas respeitem o seu marido, como bom anfitrião, e colaborando para torná-lo um grande homem. Como disse uma das moças, que frequenta a Igreja São Jorge de Brasília, a respeito de uma senhora já falecida: “você precisava ver ele [marido] com saúde e a mulher dele, a casa sempre cheia, ela aglomerava todo mundo, era muito dinâmica. Um exemplo dentro da colônia.” Se a vida, as fazem viúvas, elas tomam o destino em suas mãos, e procuram trabalhar para sustentar a

família, ganhando o respeito e a admiração da comunidade, reservado, em princípio, para os grandes homens.

Percebe-se também que o Brasil cria um duplo encantamento, como no relato do Sr. Z, quando eles imaginam uma terra de fácil acúmulo de riquezas; acolhedora e cheia de liberdade. Muitos se julgam tão brasileiros quanto qualquer outro brasileiro e, às vezes, até mesmo mais merecedores do Brasil que os brasileiros, por reconhecerem as grandezas do país enquanto os brasileiros não o fazem. É por causa desse amor pelo Brasil, terra que lhes deu a liberdade, que lhes encanta, que é por eles adorada, que escutei frases como “só quem não gosta do Brasil é brasileiro”. Pude presenciar na abertura da Copa do Mundo que assisti na casa de frequentadores da Igreja, e na qual havia vários membros de sua família extensa, pessoas arrepiarem de emoção na hora do hino nacional, quase chorarem, se angustiares de forma intensa pelo desempenho da seleção brasileira, se desesperarem durante um gol contra<sup>13</sup>, e durante o intervalo se mostrarem insatisfeitas com a imagem que os protestos políticos nas ruas estavam passando do Brasil para os estrangeiros.

No entanto, o amor pelo Brasil não impede o amor que eles sentem por sua origem. Como nos mostra o relato do Sr. W, eles escolheram pertencer aos dois lugares, pois se sentem bem acolhidos pelos brasileiros a ponto de poderem se sentir também brasileiros. O problema é que diferentemente dos outros brasileiros eles não são apenas brasileiros, eles possuem uma raiz diferente, a qual eles amam também e buscam preservar.

Com a finalidade de lidar com esse duplo pertencimento, e com a diversidade entre as duas culturas que causa, de acordo com o Sr. Z, um choque de mentalidades, eles desenvolvem três tipos de estratégia que geram três tipos de relação com a sociedade brasileira. A primeira é a dos que têm uma mentalidade mais próxima da brasileira, do qual o Sr. Y e o Sr. X são representantes, a segunda é a dos que tentam ter uma mentalidade parecida com a brasileira mas não conseguem e sofrem no processo, e a terceira é a dos conservadores mas que são bem adaptáveis, como o Sr. W, e fazem uma divisão já conhecida dos brasileiros, a casa e a rua (DA MATTA, 1997). Na casa se ensina valores pessoais, na rua a identidade cívica, assim eles podem ensinar em casa os modos e pensamentos da terra de origem que deve guiar o comportamento e as crenças mais fortes, e na rua como manter as relações com os brasileiros e como se portarem como brasileiros, adotando o país que os acolheram e que amam mas sem abandonar as suas raízes. Para exemplificar, as pessoas no primeiro caso, se casam com brasileiros, criam os seus filhos, sem problemas na igreja

---

<sup>13</sup> Logo no começo do jogo contra a Croácia, um dos jogadores brasileiros fez um gol contra.

católica, preferindo passar para os filhos o seu lado mais brasileiro, e quando podem os lembram de sua descendência, da qual devem se orgulhar, mas nem por isso devem buscar viver como na terra de origem. No segundo caso, os pais passam a cultura da terra de origem para os filhos, mas querem que eles tenham valores brasileiros, sendo que não conseguem aceitar esses valores. Aqui se enquadram as crianças que começaram a frequentar escolas brasileiras sem saber falar o português e, por isso, dependendo de suas personalidades, passaram por algum trauma. Esses filhos geralmente entram em conflito com o pensamento dos pais. No terceiro caso, tudo ocorre de forma suave, como no primeiro, desde pequenas as crianças aprendem o português e o árabe, aprendem que existem duas formas de ver o mundo, que uma deve guiar as escolhas pessoais como o casamento, e a outra a forma de lidar com o mundo da rua, de fazer amigos brasileiros, de os aceitar e apresentar de forma diplomática a sua cultura a eles.

Todos querem em algum momento viver como se estivessem na terra de origem e ao mesmo tempo querem aceitar o Brasil completamente como pátria. É esta ambiguidade que tentam responder com suas atitudes. Esta mesma ambiguidade que é vivida por eles no cotidiano, ganha novas dimensões dentro da Igreja, quando se discute a forma que os brasileiros (não descendentes) devem ser integrados nela, como veremos no próximo capítulo. Na busca de reviver o modo de vida da terra de origem, mesmo que por alguns instantes, os migrantes enfrentam o dilema de manter as divisões lá existentes, como as de religião, de nação e até mesmo de localidades como montanha e litoral, norte e sul, ou de diluí-las na busca de alguém que compreenda mais facilmente seu pensamento, ou que conheça os modos de interação social antigos, evitando cair em armadilhas sociais. Há uma escolha entre unir-se com o outro nem sempre desejável, mas que já é conhecido, ou de se afastar dele, e aproximar-se do desconhecido, abrindo a porta para o caos, para relações com as quais ainda não se sabe bem como comportar. A maioria das pessoas escolhe um meio termo, usando suas instituições como modo de se apresentarem para a sociedade brasileira. Nas três instituições, a Igreja, o Clube Monte Líbano de Brasília e a Federação de Entidades Americanas Árabes (FEARAB), há um desejo de se aproximar dos brasileiros, de tornar suas diferenças semelhantes, para que possam ser vistos como seres humanos dignos e não como aberrações (LEVI-STRAUSS, 2013, 260-263). Todavia, essas instituições demonstram as divisões internas, porque muitas vezes membros de uma delas não se identificam com os de outra, fazendo parte da terceira com membros da instituição com a qual não há identificação. As muitas divisões existentes dentro do grupo estudado, a enorme quantidade de possibilidades de identificação, de agrupamento ou de afastamento, são vividas de acordo com a identidade



de seu interlocutor e do conhecimento deste das diferenças internas do grupo. Ou seja, se o interlocutor conhece a geografia interna da Síria, pode se apresentar como vindo de Latakia, se ele conhece um pouco da geografia do Oriente Médio, apresentar-se como vindo da Síria ou do Líbano, ou se o interlocutor não conhece geografia como árabe, e, ainda, se o interlocutor é um teólogo ou conhecedor das religiões, apresenta-se como cristão ortodoxo. Quando níveis de integração (RIBEIRO,2000) mais locais, e menos abrangentes, podem ser acionados, as diferenças se tornam maiores e muito mais reais, “o desejo de ser o que se é” (LÉVI-STRAUSS,2013:362), se apresenta de forma muito mais contundente.

Os sírios e libaneses ortodoxos de Brasília buscam se unir em alguns momentos, ignorando as diferenças internas, em prol de uma lógica já conhecida, e se inserir na sociedade brasileira exacerbando suas similaridades. Neste contexto aparecem as frases: “foi fácil de se adaptar, o clima daqui é parecido com o de lá” ou “o povo brasileiro é muito parecido com o árabe, não só fisicamente, no jeito de ser também, é alegre, hospitaleiro...”. Ao mesmo tempo em que estão integrados, têm consciência de suas diferenças e buscam mascarar o que seria considerado impróprio. Exageram ao contar sua perseguição, a fim de se tornarem mais heroicos (GATTAZ, 2012: 27) e se inserirem de forma melhor. Buscam disfarçar seu amor pelo dinheiro, para, na sua perspectiva, não serem como o judeu – similar ao estrangeiro, temido, odiado e invejado - descrito por Simmel (1979).

## Capítulo IV

### **Igreja Ortodoxa São Jorge de Brasília: Lugar de fé e microcosmo**

A influência da religião na Síria e no Líbano pode ser vista em sua forma mais branda em episódios similares ao em que minha professora de árabe, cristã ortodoxa, disse que eu não precisava aprender certas palavras porque elas só eram usadas por muçulmanos e assim inúteis, ou em sua forma mais fatal como as guerras civis. Geralmente “a religião não é uma simples questão de crença e culto; ela também tem ressonâncias sociais e políticas e conotações comunitárias” (TAMBLAH, 1997: 08). Nos casos da Síria e do Líbano, a religião possui mais que ressonâncias e conotações, ela define questões sociais, políticas e comunitárias, juntamente com o nacionalismo ela define a identidade. Como escreveu Truzzi, na grande Síria “as religiões frequentemente ocupavam o lugar que o Estado moderno tomou nos países ocidentais” (2008:32). Ou nas palavras de Hitti (2002:667-8), “from time immemorial Near Eastern society was stratified in terms of belief rather than race and within the religion community the family rather than the territory was the nucleus of organization.”<sup>14</sup> Podemos avançar no pensamento de Hitti e afirmar que foi por causa da família que a religião se tornou central, como contou um libanês: “ a noção de família, os costumes, pra um muçulmano é muito diferente do que para um cristão [...] Aí você não quer os costumes dos outros para você, mas você tem que viver no mesmo território que eles, aí adota a coexistência pacífica, vive junto, mas não se mistura muito.” Isso significa que famílias querem se manter unidas a outras de costumes e crenças semelhantes, estranhando os costumes e as crenças que são exóticos mesmo se praticadas por vizinhos, daí a importância da religião na formação da identidade étnica a la Barth (2000).

---

<sup>14</sup> Tradução livre: “desde tempos imemoriais a sociedade do Oriente Próximo era estratificada em termos de crença, ao invés de raça, e dentro da comunidade religiosa a família ao invés do território era o núcleo da organização”.

Frederick Barth define grupos étnicos como um tipo organizacional definido por uma fronteira étnica que “canaliza a vida social” demarcando as diferenças (entre os diversos grupos), ao mesmo tempo que cria, em determinado grau, uma conformidade entre códigos e valores (BARTH, 2000). Sua abordagem é contextual, pois a identidade não é algo em si, ela é sempre relativa ao contexto. Os indivíduos são capazes de manipular tensões e informações, escolhendo uma linha de ação conforme desejem interagir com o seu interlocutor (GOFFMAN, 1993).

A etnicidade é o que permitiria delimitar as fronteiras dos grupos sociais como um grande repertório seletivo de contrastes culturais, utilizados para organizar identidades e interações. Assim ela remete a um eu em oposição ao outro, essa oposição se dá de forma racional, na qual o indivíduo leva em conta as vantagens e desvantagens de se identificar e se opor em relação a um grupo ou não. O contraste, a oposição e o conflito reforçam a fronteira e configuram um sentido de unidade/identidade. A partir da repulsão por um outro, um grupo se percebe como algo separado da totalidade, único e completo por si só (SIMMEL, 1983). Para que haja dois grupos diferentes, ambos devem se reconhecer como distintos, pois um grupo só pode existir quando os outros o reconhecem e rotulam como tal.

O que possibilitou a religião ocupar o papel do Estado moderno foi a sua capacidade de compendiar o ethos e a visão de mundo<sup>15</sup> de seus adeptos e moldá-los simultaneamente. De modo que “os símbolos religiosos formam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro” (GEERTZ, 2012:66-7). Ou seja,

Os valores que temos fundam-se na estrutura mesma da realidade, que entre o modo como devemos viver e a maneira como as coisas são há uma sólida ligação interna. O que os símbolos sagrados fazem por aqueles para os quais são sagrados é formular uma imagem da construção do mundo e um programa para a cultura humana que são mutuamente reflexos. [...] Padrões religiosos como os que venho discutindo têm, assim, um duplo aspecto: são molduras de percepções, telas simbólicas pelas quais a experiência é interpretada; e constituem orientações para a ação, guias de conduta. (GEERTZ, 2004:15)

---

<sup>15</sup> *Ethos são elementos valorativos, valores ou ideias que caracterizam comunidade, estilo de vida aprovado, premissas fatuais. Visão de mundo são aspectos cognitivos e existenciais, como se entende a realidade, conclusões normativas (veja Geertz, 2012). Supõe-se que no caso sírio e libanês a visão de mundo e o ethos variam de acordo com a religião.*

Percebemos que para Geertz os símbolos são a personificação da cultura, e servem para os membros de uma sociedade comunicarem a sua visão de mundo (GEERTZ, 2012). Para Barth o “conteúdo cultural da dicotomia étnica” apresenta-se de dois modos: o primeiro sendo nos sinais e signos manifestos (que podem ser considerados como símbolos) para exhibir-se a identidade, e o segundo sendo os “padrões de moralidade e excelência pelos quais as performances são julgadas” (BARTH,2000:32), ou seja, pelo ethos e pela visão de mundo.

É por causa de sua capacidade de condensar símbolos religiosos e mesmo não religiosos (como o uso da língua árabe por muitos de seus membros durante reuniões, as comidas, etc.), que a Igreja Ortodoxa de Brasília, opera como um lócus de produção de identidade. De acordo com Shapiro um grupo fora de sua pátria, toma os seus costumes tradicionais, como sendo de grande importância para a sua manutenção, assim busca criar um microcosmo que imita o modo de vida e os rituais tradicionais, de modo que “elementos da cultura ou da crença adquirem um sentido simbólico e constituem outros tantos pontos focais em que se concentra e se mantém o espírito do grupo” (1970: 150). Nas palavras de Geertz: “ num certo mundo sem fronteiras- de que servem as raízes, como disse certa vez Gertrude Stein, se não podemos levá-las conosco?” (2001: 158). Assim a pessoa busca crenças ‘antigas’ para reforçar a identidade: “vemos concepções de cunho religioso sobre o que é tudo, sempre e em toda parte, sendo impelidas para o centro da atenção cultural...A Ortodoxia é revivida, para devolver a Rússia seu caráter russo; o apreço pelas escrituras é revivido para devolver à América o seu caráter americano” (idem: 153). No microcosmo, a recriação da tradição poderia ser vista como algo que foi herdado e está sendo transmitido, porém transmutado, não a simples reprodução de um “passado ossificado” (JARDIM,2000:38). Afinal, os símbolos rituais são elementos dinâmicos, mobilizando simultaneamente uma carga de emoções e valores rituais (TURNER,1995).

Neste capítulo trataremos como diferentes grupos formam um grupo maior dentro de um espaço delimitado, o da Igreja, excluindo por vezes membros de outros grupos, e como esses grupos interagem entre si dentro deste espaço, com o qual se relacionam de formas diferentes. Assim, no próximo capítulo poderemos tratar do modo como os dois grupos estudados, sírios e libaneses ortodoxos se distinguem entre si, fazendo parte de outros grupos.

\*\*\*

O primeiro passo desta pesquisa foi descobrir a história da construção da Igreja São Jorge. Nesse processo entrevistei o seu engenheiro Brasil Helou e três, dos cinco, benfeitores que ajudaram a erguer o templo: Nasser Nasr, Mitri Moufarrege e Nazih Jarjour. Todos os

três benfeitores passaram rapidamente pela história de sua construção, que incluía o pedido do patriarca da Igreja Católica Apostólica Antioquina<sup>16</sup> e a arrecadação de verbas, e terminavam me avisando para procurar o Sr. Brasil, pois ele saberia contar a história melhor, mais detalhadamente. Os três consideraram a construção da Igreja importante não apenas por atender ao pedido de um patriarca, mas por representar uma necessidade de fé e de aglomeração da comunidade. Este sentimento deles espelha os do resto da colônia, ressaltando o valor cultural e emocional da Igreja. Tal valor pode ser percebido nos seguintes trechos das entrevistas de Nazih Jarjour e Nasser Nasr, respectivamente: “ Eu nunca deixei de frequentar a Igreja Ortodoxa, fui em Belo Horizonte, Goiânia e Anápolis, até essa Igreja aqui ser construída. [...] Sigo a fé ortodoxa porque foi a que me foi ensinada, eu nasci nela. Foi onde eu casei e batizei meus filhos” e “essa Igreja é muito importante pra mim, nós trabalhamos muito por ela. Desembolsamos, arrecadamos dinheiro, fizemos muita rifa, pra colocar ela de pé. [...] É a igreja da minha terra, dos meus pais.” Se a Igreja é importante para eles, eles foram essenciais para a sua existência. Os contatos do Sr. Brasil, como veremos em seguida, foram necessários para fazer o projeto e construir a Igreja, mas foi o empenho dos primeiros benfeitores em arrecadar verbas, entre os quais, nas inúmeras histórias que me foram contadas se destacaram Nasser Nasr e Elias Mokdisse<sup>17</sup>, que possibilitou a concretização dos empenhos do Sr. Brasil.

A colônia protagonista deste trabalho se assemelha aos malteses estudados por Boissevain no aspecto em que “the Parish Church for them is more than a central place of worship: it is the responsibility of the villages collective wealth. Generations of inhabitants have spent huge sums to decorate it, and they show it with pride to all visitors” (Boissevain, 2013:38)<sup>18</sup>. Isso ocorre porque a religião está vinculada à identidade, fazendo com que investir na Igreja seja uma prova ao mesmo tempo de piedade, bom caráter e orgulho por ser quem se é.

Antes de apresentar os dados fornecido pelo Sr. Brasil, gostaria de melhor introduzir a história construção da Igreja. Para isso usarei as palavras do Sr. Mitri:

---

<sup>16</sup> Igreja Católica Apostólica Antioquina faz parte do grupo de Igrejas autocéfalas que ficou conhecido como Igreja Ortodoxa ou Ortodoxa Grega após o cisma com a Igreja Católica Apostólica Romana. Cada Igreja Ortodoxa, possui o seu próprio patriarca (que seria um papa). Os patriarcas decidem em conjunto questões importantes concernentes a suas Igrejas.

<sup>17</sup> O senhor Elias, por motivos pessoais, não me concedeu entrevista, mas seu filho me encaminhou para falar com Nasser e Mitri. O quinto benfeitor nunca foi por mim visto na Igreja. Depois se juntaram a eles muitos outros.

<sup>18</sup> Tradução livre: “ a paroquia para eles é mais do que um lugar central de adoração: ela é responsabilidade da coletividade da aldeia. Gerações de habitantes gastaram grandes somas de dinheiro para decora-la, e a exibem com orgulho a todos os visitantes.”

A Igreja São Jorge nasceu através de uma, depois de uma reunião de diversos patrícios, acharam que a comunidade tinha que devolver alguma coisa para a sociedade brasileira síria libanesa [...] o senhor Nasser Youssef Nasr e outros que você já entrevistaram, Nazih Jarjour, Elias Mokdisse, agora não vou repetir os nomes que você já tem. Ficou decidido fazer uma vaquinha porque o Brasil Helou tinha conseguido terreno, a título de uso, comodato pelo período de 20 anos do Governador José Aparecido de Oliveira, muito cortês com a nossa comunidade concedeu esse terreno gratuitamente, dentro dessas condições. O maior entusiasta na construção da Igreja, graças a ele conseguiu contagiar o entusiasmo a todos eles para botar a mão no bolso, porque a coisa mais difícil é bota a mão no bolso, foi o Nasser Youssef Nasr, que tá sentado lá. Ele até ameaçou, dentro do bom senso. Aí fizemos uma vaquinha boa, escrevemos uma ata e nasceu a sociedade que atualmente é a Igreja. Juntamos um dinheiro, não vou falar em números porque não me lembro os números e tem essas inflações e tal. Conseguimos sair do chão a Igreja, depois dessa fase pra dar continuidade abrimos o livro de ouro e começamos a pegar contribuições de um real até o tanto que cada qual pode contribuir, porque se você paga 10 reais e eu pago 10 mil reais você tem o mesmo valor que eu tenho, seu espírito de colaboração se fez presente nessa empreitada. E aí nos conseguimos, aqueles que deram uma contribuição maior demos um prioridade de agradecimento deles no livro de ouro e depois registramos aqui. Convém na sua história cobrir o nome dessas que estão aqui que foram os maiores colaboradores para erguer essa Igreja. Assim nasceu a Igreja São Jorge de Brasília. [...] essa Igreja ela é a casa de Deus, ela não tem discriminação nem de idade, nem de cor, nem de nacionalidade, porque todos nós somos irmãos.

O Sr. Brasil foi muito solícito, me ofereceu as cópias das cartas escritas sobre a construção da Igreja e de alguns outros documentos. Das cartas que me foram entregues pelo Sr. Brasil, e escritas por ele mesmo, por seu primo Halim Helou e pelo então Patriarca da Igreja Católica Apostólica Antioquina, Ignatius IV, transcrevo partes que foram importantes para esta pesquisa:

O Dr. Niemeyer é o executor do projeto da Catedral Católica em Brasília que V. Beatude a visitou, na obra é bem clara a sua saída para uma arquitetura moderna, bonita, muito interessante e significativa.

Caso V. Beatude optará pela arquitetura bizantina – favor nos fornecer uma planta do projeto que pode combinar – com as linhas de Brasília (Halim Helou para o Patriarca Ignatius IV, data 3/2/1986)

4- A Igreja [...] não temos nenhuma objeção ser de uma moderna arquitetura conservando a tradição ‘ATAKLÍD’ mais ou menos.

Devemos evitar um formato de fantasia com a preferencia ser dirigida para o Oriente (leste) conservando ao seu redor um bom corredor que permita realizar procissão, digo um corredor do lado de fora do prédio (Patriarca Ignatius IV para Halim Helou, 17/03/1986).

Em reunião da Diretoria da Sociedade decidimos propor à Sua Beatitude o nome de IGREJA ORTODOXA DE SÃO JORGE, porque este é um nome muito venerado pela nossa Igreja e também muito conhecido no Brasil, além do que não temos em Brasília outra Igreja com o nome deste santo. (Brasil Helou para Patriarca Ignatius IV, 01/06/1988)

Percebe-se uma preocupação em manter um equilíbrio entre os costumes brasileiros e os sírio-libaneses que se evidencia nas escolhas do estilo arquitetônico e do nome. Na entrevista, e em trechos não transcritos da carta, aparecem as relações de amizade do Sr. Brasil com o governador Aparecido e com Oscar Niemeyer que possibilitaram a existência deste projeto tal como ele se deu. Nota-se, também, a preocupação com a escolha de um lugar nobre e as diferenças entre o planejado e o ocorrido, que acontecem em qualquer projeto.

Entre os documentos, passados a mim pelo Sr. Brasil, se encontra a relação da diretoria eleita em 17 de dezembro de 1986 da Sociedade Beneficente Cristã Católica Apostólica Ortodoxa Antioquina de Brasília<sup>19</sup>, criada para coordenar a construção da Igreja. Nela foram computados migrantes e descendentes com as cidades de origem de suas famílias. Sete de seus membros eram libaneses, doze sírios e duas brasileiras casadas com sírios. A Sociedade, possui um membro não cristão, demonstrando o caráter aglomerante da Igreja, para a comunidade sírio e libanesa de Brasília, desde sua origem. A maioria síria na diretoria da Igreja não reflete a realidade brasiliense, cidade em que há duas vezes mais libaneses do que sírios. Essa maioria síria pode ser explicada, em parte, por ter a comunidade libanesa conseguido construir um clube, mesmo que não muito equipado, enquanto a síria não.

As respostas para a pergunta, “o que a Igreja representa para você?”, podem ser resumidas na fala de um dos senhores: “Tudo. A Igreja representa tudo pra mim. É a minha fé, foi a fé dos meus pais. É um lugar de expressão da minha cultura. É uma volta a minha

---

<sup>19</sup> Tal relação pode ser vista ao final deste capítulo, juntamente com uma foto da maquete da Igreja, também presente do Sr. Brasil.

cidade na Síria. É tudo, por isso que eu trabalho tanto aqui.” Também escutei bastante que a Igreja era um bom lugar para fazer amizades com mentalidade semelhante. Muitos sírios falaram na falta de um clube e na igreja como solução, enquanto os libaneses reconheciam a importância da igreja em manter as culturas síria e libanesa vivas, nunca chegaram a comparar a igreja a um clube. Creio que isso se deva não somente ao fato de que os libaneses conseguiram construir um clube nacional mas também ao fato de sírios e libaneses se relacionarem de forma diferente com a religião.

Quando indagados se iam ou se por algum motivo já foram na mesquita, a resposta da maioria dos sírios foi semelhante à seguinte: “a gente às vezes vai, quando tem algum evento e eles chamam”; enquanto a dos libaneses eram “tem a mesquita, mas a gente não vai lá. Vai ir fazer o que lá?”. Nem sírios, nem libaneses ortodoxos considerariam se casar com muçulmanos e já presenciei pessoas de ambas as nacionalidades emitirem comentários preconceituosos. No entanto, os sírios ortodoxos são mais abertos a se casarem com outros cristãos do que os libaneses.

Quando me apresentavam alguém e por algum motivo surgia o assunto sobre qual era a religião da pessoa, mesmo quando a pessoa era de uma outra religião cristã, os sírios sussurravam, abaixavam suas vozes e falavam em tom confidente, como se alguém de outra religião na Igreja fosse algo vergonhoso, não por estar frequentando a Igreja, mas como que por medo de os tornar diferentes e de alguém por isso os discriminar. Em geral, quando falam que pessoas de outras religiões, sem ser um indivíduo específico, frequentam a Igreja o fazem com orgulho. Os libaneses ao falarem sobre a religião em que uma determinada pessoa crê, sempre o fazem sem alterar o tom.

A diferença entre o modo como sírios e libaneses encaram a religião é moldado pela forma como ela é encarada por seus Estados. O Líbano é um país dividido religiosamente pela sua Constituição<sup>20</sup>. Esta divisão é o que torna aceitável para os libaneses fazerem parte da mesma nação que seguidores de outras 17 religiões, possuidores de estilos de vida diferentes. Eles fazem de sua diversidade religiosa, que muitas vezes gera conflitos, motivo de orgulho nacional. Para eles uma pessoa é libanesa, além de ser membro de alguma religião, mas ela é membro de uma religião específica, exatamente por ter nascido em algum lugar dentro do Líbano. A migração não muda essa moldura que o Estado criou em relação à forma de se

---

<sup>20</sup> Os cargos políticos são divididos entre os diferentes grupos religiosos, por exemplo o Presidente tem que ser maronita, o Primeiro Ministro sunita, o Chefe do parlamento xiita; no parlamento tem que ter representantes dos 17 grupos religiosos; existem cortes religiosas que cuidam de pequenas causas e assuntos de família; partidos políticos são identificados com alguma religião, por exemplo: o Kateib é maronita e o Hezbollah e o Amal xiita. A divisão religiosa que existe no cotidiano se transfere para a constituição do Estado.



enxergar a religião, e isso se reflete na forma como eles se organizam em Brasília. Os meus interlocutores libaneses pensavam da seguinte forma: se você é ortodoxo, você frequenta a Igreja aos domingos; se você é libanês, você se associa ao Clube Monte-Líbano, mesmo que lá ainda não possua uma área de lazer, é uma questão de identidade.

O Estado sírio teoricamente seria secular, enquanto na prática não o é. Nele os alauitas, juntamente com algumas outras minorias étnicas, ocupam os cargos mais altos do governo. Encarando uma diferença muito grande entre a norma e a realidade, o sírio ortodoxo enxerga no discurso sectário, um anti-nacionalismo, e por isso mesmo defende em seu discurso, que é o mesmo do governo, não haver diferenças religiosas na Síria e tenta, a todo o momento, superá-las. De modo que os migrantes sírios ortodoxos em Brasília buscam o tempo todo mascarar ou superar a diferença religiosa, inclusive negando o seu papel na atual guerra que ocorre na Síria.

A diferença no modo de encerrar as diferenças de religião pelo sírio e pelo libanês ortodoxos estão resumidas pela tabela que se segue:

| <i><b>Sírio</b></i>                                       | <i><b>Libanês</b></i>                                   |
|---|---|
| Sussurro  | Tom Normal (Alto)                                       |
| Vergonha da possibilidade de discriminar                  | Orgulho de ser “o que se é”                             |
| Estado dividido: visão de mundo secular e ethos sectário  | Estado dividido religiosamente                          |
| Aceitação da diversidade religiosa como negação do Estado | Aceitação da diversidade religiosa como parte do Estado |

Nem todos os ortodoxos frequentam a Igreja regularmente e alguns de seus membros mais assíduos começaram a frequentá-la simplesmente por ser a fé de seus pais, outros a frequentam sem a sua fé jamais ter sido a ortodoxa. De fato, lá encontramos muitos drusos e protestantes. A Igreja é, para muitos, uma volta ao país de origem, um microcosmo, não necessariamente um lugar de oração. Exatamente por isso, nela se permite membros de outras religiões em seu espaço. Depois de toda missa ocorre um café, durante o qual as pessoas colocam a conversa em dia, muitas vezes falando em árabe. No festival do sanduíche e nos inúmeros almoços beneficentes, o clima sempre foi o de descontração, havendo pouquíssimas

pessoas, que não os frequentadores da Igreja e seus familiares. Durante esses eventos, a importância de ser árabe ficava clara. Eles sempre dançam suas danças típicas, que inclui o Dabke, conferindo ao ambiente uma atmosfera étnica claramente não brasileira. Uma vez um dos senhores disse para um outro que todos eram árabes destacando os sírios dos libaneses.

O papel da Igreja como microcosmo de reprodução étnica gera duas questões: problemas com os padres, preocupados em manter a igreja como local de fé, e sentimento de exclusão por parte dos brasileiros que frequentam a Igreja. A primeira vez que fui à Igreja o padre me falou que estava preocupado com as pessoas usarem a Igreja como algo social e esquecerem o religioso. Também, ao conversar com o Pe. Emmanuel da Igreja Ortodoxa Grega, que possui a mesma função de microcosmo só que para os gregos, pude perceber o mesmo tipo de preocupação. Eles reclamam que os fiéis nem sempre respeitam a liturgia, que crianças correm livremente pela Igreja, que as pessoas conversam durante a missa, e se preocupam com as pessoas estarem frequentando a missa mais por costume, porque em suas aldeias natais havia uma Igreja como esta, do que por questões relacionadas ao espírito e a Deus.

Alguns fiéis insistem que há muitos brasileiros que frequentam a Igreja e acreditam que atrair mais brasileiros e abraçar a Igreja é a solução dos problemas, entrando em choque com algumas pessoas que acreditam que em uma tradição mais pura “parece que a oração entra mais no coração da gente”. Muitas vezes a mesma pessoa quer as duas coisas, expressando a sua ambiguidade em forma plena, caindo em contradição consigo mesma sem problemas. Não eram raras as discussões sobre qual língua deveria prevalecer durante a missa, mesmo o português já sendo a língua em que a missa é realizada e o árabe só ser usado em algumas partes dos cânticos e ao se rezar o Pai Nosso, após ser rezado em português. Nessas discussões muitas vezes a mesma pessoa defendia que devia continuar como está, para logo depois reclamar que eles deviam rezar mais, no decorrer da missa, em árabe, e dizer que ela sentia falta disso. Esta indecisão acontece devido à transnacionalidade de suas experiências, pelo fato de enxergarem o mundo como brasileiros e, ao mesmo tempo, como sírios ou libaneses. O pertencimento a duas sociedades nacionais e o desejo de conciliá-las já estava presente, como vimos, nas cartas trocadas durante a construção da Igreja. Tal ambiguidade ocorre porque cada sociedade tem suas regras e quando um sujeito migra e passa a pertencer a duas sociedades diferentes, com regras diferentes, algumas vezes ao acatar as regras de uma, ele quebra as regras da outra (BECKER, 2008). Ele consegue reconhecer as regras das duas sociedades diferentes e determinar qual é a de seu interesse seguir. Ele é parte do grupo mas se encontra por algum motivo também fora dele. O imigrante está fora do

grupo, por causa de seu passado em que aprendeu a ver o mundo através de símbolos diferentes e está dentro dele por causa do presente e do futuro em que compartilha e compartilhará símbolos. Ele se torna estrangeiro tanto na terra para a qual imigrou, quanto naquela de que emigrou, possuindo uma identidade transnacional, porque aprendem a enxergar o mundo através de símbolos da sociedade anfitriã. Ele vive uma tensão entre a proximidade e a distância, ambas muito gerais (SIMMEL, 1983).<sup>21</sup>

Alguns brasileiros ao se depararem com a necessidade de reprodução do estilo de vida sírio e libanês, se sentem fora daquela comunidade. Além disso, a comunidade que construiu a Igreja é bastante fechada, todos se conhecem já faz tempo. Mesmo quando a comunidade se esforça para acolher os recém chegados, alguns brasileiros se sentem ofendidos, ou incomodados como se estivessem atrapalhando um ambiente pré-existente, se sentem fora de lugar. Em uma tentativa de ensaio de canto para a Páscoa, uma brasileira, ao ter dificuldades de acompanhar a entonação do coral, disse que eles deviam cantar só em árabe, o que irritou uma das senhoras que liderava o ensaio fazendo com que ela desistisse de seu esforço multilinguístico. Para conseguir algumas entrevistas e até mesmo fazer com que algumas pessoas se abrissem comigo, precisei fazer uso com uma certa frequência da minha descendência libanesa, fato que fez algumas pessoas mudarem radicalmente de atitude comigo. As pessoas quando me viam pela primeira vez assumiam que eu era síria ou libanesa, quando eu negava, elas perdiam o interesse em mim e no que eu estava fazendo lá. Para recuperar o interesse, eu precisava voltar atrás e revelar minha descendência.

Em suma, a igreja não apenas representa a fé, mas também se estabelece como um microcosmo de reprodução de modos de vida na terra de origem. Ela, com seus eventos sociais, une os sírios e os libaneses, em um nível mais abrangente frente à sociedade brasileira, mas também, com seus símbolos e eventos religiosos, lembra aos ortodoxos que eles são diferentes de seus nacionais de outras religiões e que possuem outras maneiras de conduzir e enxergar a vida. No nível nacional (sírio ou libanês) a religião é forte, mas não é no nível internacional, pois o nacionalismo sobrepõe-se a ela<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Aqui discordo de Simmel segundo quem para alcançar-se a posição de estrangeiro, não se deve estar ligado *organicamente à sociedade*.

<sup>22</sup> Trato por nível nacional, contextos em que estão envolvidos membros de uma única nação, e por nível internacional quando há membros de pelo menos duas nações ou mais.

**Sociedade Beneficiente Cristã Católica Apostólica  
Ortodoxa Antioquina de Brasília - Distrito Federal**

RELAÇÃO DA DIRETORIA ELEITA EM 17/12/86

| CARGO              | NOME               | PROFISSÃO   | ORIGEM                 |
|--------------------|--------------------|-------------|------------------------|
| Presidente         | Brasil Helou       | Engº Civil  | Machta El Helou/Síria  |
| Vice-Presidente    | Nazih Jarjour      | Industrial  | Hafar/Síria            |
| Secretário         | Georges Kammoun    | Engº Civil  | Tripoli/Líbano         |
| Tesoureiro         | Nasser Y Nasr      | Industrial  | Al Hakour/Líbano       |
| retor              | Elias Mckdissi     | Hoteleiro   | Tripoli/Líbano         |
| Diretor            | Nagad Zakhour      | Hoteleiro   | Tripoli/Líbano         |
| Diretor            | Issa Massouh       | Comerciante | Marmarita/Síria        |
| Diretor            | Youssef A. Jebrine | Comerciante | Naba Karkar/Síria      |
| Diretor            | Abdallah Kouzak    | Hoteleiro   | Naba Karkar/Síria      |
| Conselho Fiscal    | Monzer Jarjour     | Industrial  | Háfar/Síria            |
| Conselho Fiscal    | Nagib Abdala Filho | Funcionário | Sádad/Síria            |
| Conselho Fiscal    | Youssef Haddad     | Comerciante | Marmarita/Síria        |
| Suplente           | Alice Jarjour      | Do lar      | Dar Atie/Síria         |
| Suplente           | Eliana D. Starling | Do lar      | Brasileira             |
| Cons. Deliberativo | Mtanios Massouh    | Comerciante | Marmarita/Síria        |
| Cons. Deliberativo | J Vinicius C Daher | Comerciante | Akkar/Líbano           |
| Cons. Deliberativo | Mahamed El Majzoub | Comerciante | Ghaza El Boukah/Líbano |
| Cons. Deliberativo | Razem Elias Abrão  | Engº Civil  | Ain Jirn/Síria         |
| Cons. Deliberativo | Nahla Z Kammoun    | Do lar      | Tripoli/Líbano         |
| Secretária         | Maria L. Jarjour   | Do lar      | Brasileira             |
| Secretária         | Kátia Kouzak       | Do lar      | Arued-Tartous/Síria    |

**SOCIEDADE BENEFICIENTE CRISTÃ CATÓLICA  
APOSTÓLICA ORTODOXA ANTIOQUINA DE BRASÍLIA**

Maquete



Localização no Lago Sul



## Capítulo V

### E os fenícios? Sobre as nacionalidades síria e libanesa

Na colônia sírio-libanesa-ortodoxa-brasiliense, a religião e a migração não são as únicas forças que operam na formação de identidade. O nacionalismo, seja sírio ou libanês, e o arabismo operam de forma a dividir e unir a colônia. A Federação das Entidades Americanas Árabes (FEARAB) e o Clube Monte-Líbano, juntamente com as discussões sobre política nos países de origem nos ajudam a compreender melhor como eles percebem suas identidades e como vivem um processo desencadeado pela migração no qual se tornam dois grupos no interior de uma mesma comunidade maior. Se a Igreja é uma instituição que permite à sociedade nacional brasileira, pelo menos à primeira vista, hifenizar os adjetivos sírio e libanês, o clube segue um caminho contrário, assim como as conversas sobre política no Oriente Médio, em especial sobre as guerras da Síria e do Líbano. Elas são mencionadas porque durante a pesquisa os sírios falaram bastante sobre a guerra que ocorria em seu país e como os seus amigos e parentes estavam sendo afetados. Ao ouvir seus comentários percebi que o preconceito se revela em momentos de crise, não podendo ser escondido por leis, apenas camuflado por elas. (BOISSEVAIN, 2013) Assim, a demonstração de preconceito em relação ao outro clareia a identidade, demonstrando quem se acredita ser, por meio da afirmação de quem não se é. Deste modo, resolvi indagar, também, os libaneses sobre a sua guerra civil de 1975-1990.

Neste capítulo estudamos o impacto do nacionalismo e do arabismo na percepção da identidade por parte de migrantes sírios e libaneses, porque são eles que criam dois grupos distintos dentro da comunidade ortodoxa. De fato,

The contemporary period in the life of the Arab East as exemplified by Syria and Lebanon is distinguished by the emergence and operation of potent forces that involve and relate to Western penetration and imperialism, the rise of local nationalism, the struggle for independence and the inception and spread of the Pan-Arab movement. (HITTI, 2002:697)<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Tradução livre: “O período contemporâneo do Leste Árabe, exemplificado pela Síria e pelo Líbano, se distingue pela emergência e operação de potentes forças que envolvem e se relacionam com a penetração e

Durante a pesquisa tive a oportunidade de conhecer pessoas de nacionalidades síria e libanesa das mais diversas religiões e levam migratórias, e pude perceber que os jovens migrantes libaneses ortodoxos se assemelham mais em seu ethos aos jovens migrantes sunitas ou xiitas, do que aos jovens migrantes sírios ortodoxos, o que mostra a força do nacionalismo, neste contexto, na definição da identidade. Tal força pode ser percebida quando o nacionalismo supera a divisão religiosa e começa a moldar as visões sobre o que é ser árabe, duas forças que, como ele, operam por meio de rituais e símbolos. Neste plano, a religião, o nacionalismo e o arabismo são elementos de qualidade idêntica e possuem características semelhantes, existindo apenas em relação à existência de outros do mesmo tipo e possuindo símbolos invisíveis, pelos quais se delimitam, expressos por meio de objetos de representações tanto mentais (ex. língua) como materiais (ex. bandeira) (BOURDIEU, 2003).

Como já foi dito anteriormente, o Líbano não era separado da Síria e a religião era o que definia a identidade durante o Império Otomano. Então cabe a pergunta: como o nacionalismo conseguiu se tornar mais forte que a religião e moldar a visão sobre o grupo árabe mais amplo? O nacionalismo conseguiu se tornar tão forte que estende as suas raízes para os descendentes dos que migraram ainda durante o Império Turco-Otomano (que durou até 1914). Para entendermos melhor como funciona o nacionalismo, recorremos a Wolf e a Geertz, este último preocupado com a essência da nação, como os membros de uma nação acreditam compartilhar um ethos e uma visão de mundo e como grupos com visão de mundo e ethos diferentes podem formar uma nação. Geertz nos mostra a diferença entre Estado e nação, afirmando ser característica desta última a idéia de igualdade entre seus membros:

Isso porque, na medida em que há uma distinção a ser feita entre ‘país’ e ‘nação’, ela não está na civilidade e não agressividade de um e na paixão e vociferação da outra, o que, de maneira nem sempre acontece (vide a China, a França, o Marrocos, a Argentina). Está, no primeiro, como uma arena política, e na segunda, como uma força política: entre um espaço demarcado por fronteira e até certo ponto arbitrário, em cujo o interior são contidos, regulados e postos nos eixos os tipos mais imediatos de luta pública, aqueles que irrefletidamente chamamos de interno (a ordenação dos encontros sociais, a distribuição das possibilidades de vida, a utilização dos recursos produtivos), e, em contraste, uma das energias centrais que impulsionam essas lutas: o sentimento de quem são aqueles de quem se descende, quem são aqueles com quem se é parecido no pensar, na aparência, na maneira de falar, de comer, de rezar,

---

imperialismo do ocidente, com o surgimento do nacionalismo local, com a luta pela independência e com o surgimento edisseminação do movimento pan-árabe. “

ou nos gestos, e a quem por conseguinte, sente-se que está empaticamente ligado, haja o que houver. (GEERTZ,2001:207)

Por sua vez, Wolf demonstra como um Estado se torna uma nação por meio de símbolos, que une pessoas de grupos diferentes em um só grupo. Para ele a criação de uma nação reúne grupos culturalmente heterogêneos, que pela criação de novos padrões vão aos poucos se integrando a uma estrutura maior, em um processo de recriação de convenções, que muda o padrão das relações culturais, entre segmentos socioculturais dentro de uma sociedade maior (WOLF, 2003: 199-201). Diferentemente de Geertz ele acredita que

os membros de uma nação caracterizam-se menos por traços psicológicos ou culturais comuns do que por seu envolvimento diferenciado em certas relações históricas e funcionais, pertinentes à ecologia, à estrutura social e à aculturação. Essas relações estão culturalmente moldadas e representadas por meio de símbolos. Esses símbolos podem fundar-se sobre certas normas, ideias de relações entre as pessoas ou podem ser ‘pantomimas simbólicas’ (Thorstein Veblen) de tais relações. O desenvolvimento desses símbolos e sua influência real sobre as relações, na medida em que representam melhor o padrão cultural de um grupo do que o de outro, são problemas que só podem ser solucionados mediante a análise das relações reais. O estudo das ideias simbólicas ou da conduta simbólica dificilmente será proveitoso se não se estudar ao mesmo tempo os conteúdos reais, as pessoas e as relações que tentam representar. (WOLF,2003:214)

Tanto o Líbano quanto a Síria possuem fortes variações internas no estilo de vida de seus habitantes. Se seguirmos o pensamento de Geertz (2001), seria possível dizer que dentro do seu território encontram-se variadas nações definidas religiosamente, a não ser pelas afirmações assertivas do libanês de sua nacionalidade libanesa e do sírio de sua nacionalidade síria, e as múltiplas afirmações de que apesar de possuírem diferenças são mais parecidos com as pessoas que se encontram dentro de seu Estado do que com qualquer outro grupo de pessoas. Assim o Líbano e a Síria que, até a virada do século passado podia-se afirmar possuíam sistemas culturais semelhantes, na medida em que se começou a cogitar a possibilidade da criação de dois Estados-Nação separando os seus sistemas culturais, começaram a divergir em maior grau, e os seus povos a enfatizar suas diferenças. (WOLF, 2003:213)

No entanto, o sonho de um Líbano separado da Síria, ao contrario do que muitos acreditam não foi algo criado pela França, ou por alguma outra potencia ocidental. Ele data da idade média do Império Otomano. Os líderes locais nomeados pelo Império Otomano de parte



do Líbano, Fakhr-al-Din II e Bashir al-Shihabi, se empenharam em criar um Líbano separado da Grande Síria e do Império Otomano. O seu sonho era dominar um território com o qual possuíam relações afetivas e parentela. (HITTI, 2006). A França despertou desejos do passado no povo libanês, ela não criou nada novo, apenas fomentou a ideia de diferença que possibilitou a germinação das ideias separatistas. No Líbano a ideia de uma diferença com a Síria, pautada por lealdades pessoais que superavam em importância a religião (GATTAZ, 2012), levou à criação de um Estado que precisava ser legitimado e, por isso, se recorreu a uma origem comum diferente da síria, recorrendo-se à ancestralidade fenícia. A criação de um passado comum reflete-se em um futuro cada vez mais homogêneo para a sua população, o qual enfatiza as suas diferenças em relação a outros países.

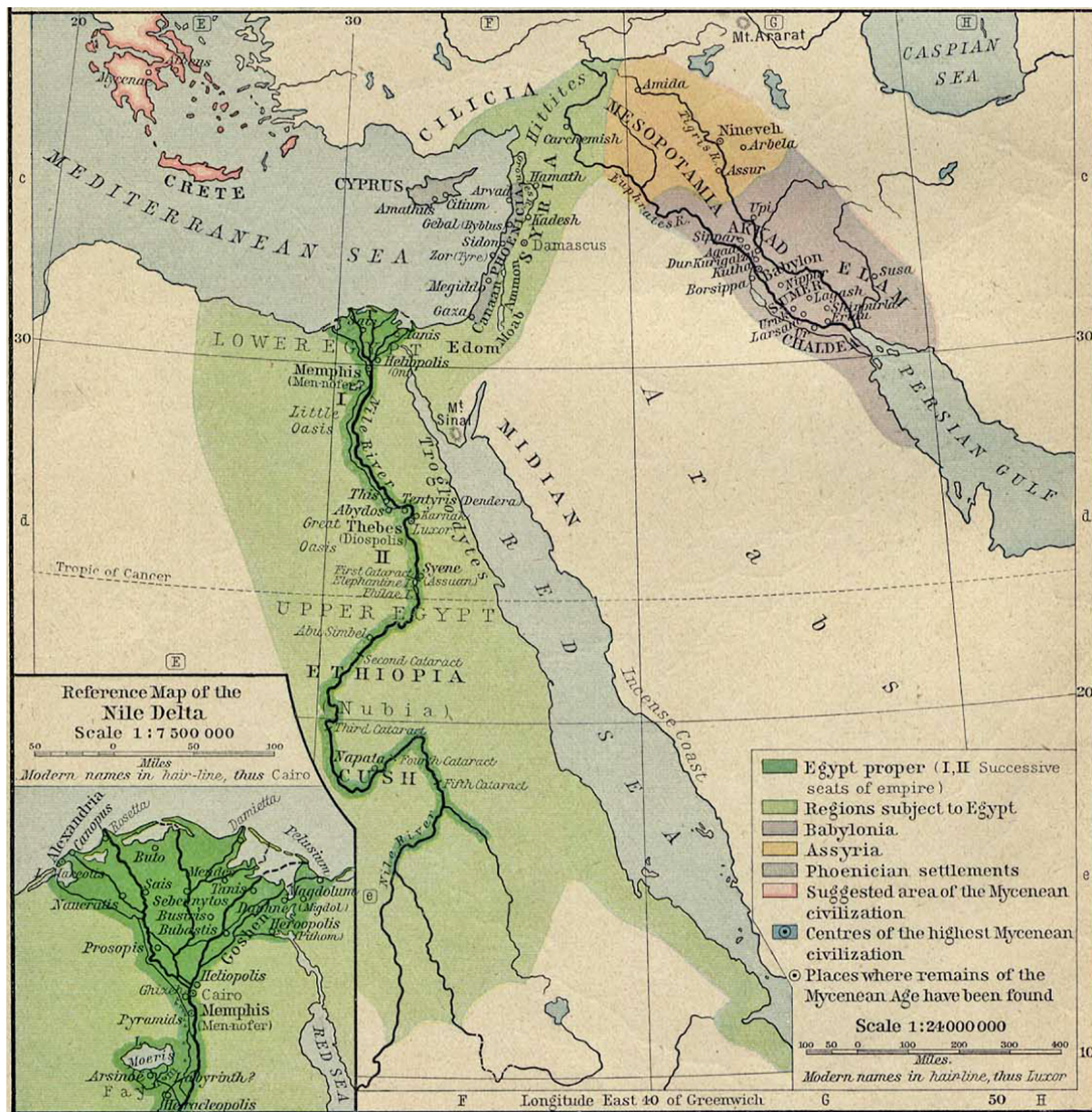
O sírio ortodoxo sente orgulho de sua pátria, por ela possuir uma história milenar, o que legitimaria que o povo de seu território é um só e possui uma ancestralidade comum. No entanto, o seu território variou grandemente durante os milênios, e mesmo durante o período do próprio Império Otomano.

Mapa que mostra o território nos tempos Bíblicos antes da divisão entre Israel e Juda. Mostra um território localizado em um tempo mítico:



Fonte: Bíblia Sagrada Ave-Maria, 2004

Outro mapa que mostra a síria antiga, desta vez com uma data real e não um tempo mítico, por volta de 1450 AC.



Fonte: [http://www.emersonkent.com/map\\_archive/egypt\\_syria\\_mesopotamia\\_1450\\_bc.htm](http://www.emersonkent.com/map_archive/egypt_syria_mesopotamia_1450_bc.htm)



Mapa que mostra em verde a região da Grande Síria ou Levante, durante o Império Otomano, por volta de 1710:



Fonte: <http://mappingworld.wordpress.com/tag/bible/>

Mapa atual:



Fonte: Google

\*\*\*

Os libaneses e os sírios desenvolveram diferentes tipos de nacionalismo e diferentes percepções sobre o arabismo baseados em sua relação com seus respectivos estados-nação, provando que a identidade não é algo dado nem previsível, ela é criada à medida que os eventos vão ocorrendo e os diferentes grupos começam a se formar em oposição uns aos outros. Os sírios a partir de uma relação de cismogênese<sup>24</sup> com o Estado sírio (BATESON, 2008), creem que ressaltar a religião é uma negação da nacionalidade e que ser árabe pode ser tomado como fazer parte de uma cultura específica. Já os libaneses creem na coexistência dos grupos religiosos em equilíbrio e entendem o arabismo como uma relação histórica e social com outros países, mas não como um definidor cultural. Essas diferenças de percepções continuam a existir depois da migração, e se tornam aparentes quando eles se organizam para se expressarem frente a sociedade brasileira.

<sup>24</sup> Processo no qual cada parte reage às reações de outra (pg.233)

Os libaneses ortodoxos em Brasília escolheram formar a sua instituição não religiosa, o Clube Monte-Líbano juntamente com libaneses de outras religiões, excluindo os outros árabes. Ou seja, se apresentam como Libaneses. Os sírios ortodoxos se apresentam como árabes, ao terem criado, juntamente com outros árabes das mais diversas origens e vários lugares da América, mas sem contar com a participação dos libaneses ortodoxos, a FEARAB.

O Clube Monte-Líbano foi inaugurado em 1984, ele possui uma marina e um salão terceirizados. Quando comecei a pesquisa estava em processo a construção de uma área de lazer, constituída de piscina, churrasqueira e quadra de tênis. Se especulava sobre a construção de um restaurante. Quando terminei a pesquisa a área de lazer não havia ainda sido inaugurada. Os membros do clube são em sua grande maioria libaneses, havendo por volta de 10% de sócios sírios e brasileiros. Quando conversava com alguns dos sócios e perguntava por que um clube libanês e não um sírio-libanês, eles respondiam sem de fato responder, “os sírios tentaram fazer o clube deles mas não deu certo”, como se um clube de identidade hifenizada nunca houvesse sido uma possibilidade. Quando perguntei ao seu atual presidente, Nasser Nasr, o que o clube representava para ele, ele respondeu que era como a casa dele, talvez até mais, que eles lutaram muito por aquele clube, que começou há 40 anos atrás, quando ele ainda fazia 500 dólares por mês e às vezes tirava 100 dólares para colocar no clube. Isso mostra a importância do clube como afirmador de identidade.

Os sírios ortodoxos de Brasília se organizaram juntamente com árabes de outras parte do Brasil e da América para fundar a FEARAB. Para esclarecer sua criação transcrevo parte de uma entrevista feita com um de seus fundadores, Monder Jarjour:

Eu sou fundador da Fearab, eu ajudei a fundar a Fearab Brasil, a Fearab Brasília, na Argentina fundamos a Fearab américa. [...] Teve eu e um outro cara que participamos diretamente, de Brasília foi umas 30 pessoas mais participar diretamente de comissão de reunião. Fui eu e o Doutor Aref, que Deus o tenha, já morreu há muito tempo. Depois eu deixei, aí o Nazih e o Brasil tomaram conta, depois passou para o filho do Nazir e tá rodando aí.

Quando perguntei o que a criação da Fearab representou? E por que criá-la foi importante? Ele respondeu o seguinte:

Olha em todos os países americanos, latino americanos existe entidades árabes [...] então o intuito da Fearab era isso, porque a gente sempre precisa de uma demonstração de presença, não o de aparecer ou tumultuar, ou criar qualquer coisa mas a sensação para o país, para os outros da existência de entidades árabes. Chegou a funcionar por um certo tempo, hoje tá menos, mas ainda tem. O fundamento, a função fundamental era de aparecer no Estado, em alguns lugares ele acontece, a

relação Brasil países árabes, países árabes Brasil, nos outros, não sei, eu não tenho acompanhado.

A escolha foi criar uma instituição cultural, fundada sobre preceitos pan-árabes. Muitos deles ao serem indagados sobre o que significava ser árabe, respondiam que como sírio ele era árabe e que já a Síria era um local de muita história. Os que partilharam um pouco dessa história falaram sobre Abraão, o cristianismo, São Tomé, o apóstolo Paulo, sobre as cruzadas e o islamismo. Disseram que a cultura árabe é confundida com o Islamismo mas que não é a mesma coisa. Falaram da origem do primeiro alfabeto, que era interessante conhecer a história do islamismo porque ele não surgiu para ser uma religião mas para catequizar os pagãos, inclusive que Maomé não escrevia, ele ditava e quem escrevia para ele era um padre. Que ser árabe era algo de nascença, de sangue, que o Líbano foi separado da Síria pelos franceses. Acrescentavam que franceses, ingleses e americanos não se preocupam com o bem-estar de ninguém só deles mesmos, que a França conquistou uma maioria cristã no Líbano sob a qual ela tinha grande influência e que os europeus dividiram para dominar já que a Síria original era Líbano, Síria, Iraque, Jordânia e Palestina/Israel. Uma vez um senhor sírio contou que na época do império turco os padres vinham da Rússia. Um senhor libanês que estava ao lado o corrigiu e disse que havia também padres gregos. No entanto as suas ações demonstram que eles enxergam os libaneses como um grupo distinto. Escutei muitas vezes sírios fazendo piada sobre libaneses, porque eles falam estranho, são “meio” arrogantes, “têm um topete” e um temperamento difícil.

Ao entrevistar outro sírio da colônia ortodoxa, ele me disse:

Hoje a colônia árabe tem representatividade em todos os poderes [no Brasil].[...] Hoje Damasco é a cidade mais antiga do mundo em vida contínua, ela tem resquícios de coisas que toda vida lá existiu, não foi acabado e reconstruído, são mais ou menos 5 mil anos. Por aqui você vê, o Ugarit, Ugarit é o berço dos fenícios. Existe aquele problema sírio é sírio, libanês é libanês, e os libaneses dizem que o Líbano é o berço dos fenícios e não sei o quê, mas a verdade é que como era a grande Síria, tanto o Líbano quanto a Síria eram a mesma coisa. Então o Líbano ficou com uma parte do litoral e a Síria com outro, e Ugarit está na Síria. Então num é um problema de um querer puxar brasa pra sardinha do outro [...] Aqui Ugarit, esse é o berço dos fenícios [...] (me mostra fotos e vestígios arqueológicos) [...] A convivência com libaneses aqui em Brasília não tem distinção, passou a ter distinção uma época aí que tinha um cônsul fanático maronita, alguém já te falou do fanatismo dos religiosos? A gente a principio tentou uma série de coisa mas ele era meio fanático e segregou mesmo por completo, plantou o radicalismo. Mas

independente disso a gente convive com todos os maronitas, todos eles são meus amigos.[...] O radicalismo dele fez que houvesse um choque entre os grupos.

Em seu discurso ele expressa que a Síria é uma nação por existir há milênios e menciona um dos mitos de origem da fundação do Líbano<sup>25</sup>, a descendência fenícia. Percebe-se uma tentativa de ressaltar a semelhança entre sírios e libaneses, dos mais diversos credos, objetivo divergente aos do cônsul. Os libaneses ortodoxos não têm a mesma preocupação em ressaltar as semelhanças, preferindo reafirmar sua identidade libanesa, como podemos ver na seguinte fala de um dos libaneses que frequenta a Igreja e que representa o ponto de vista dos outros libaneses ortodoxos:

O Líbano é um país independente da Síria, de Oriente Médio. É um país livre democrático, temos alguns problema social, tem, tem problema político tem, mas é um país separado da Síria. Agora pode fazer acordos, acordos entre os países, porque é um país vizinho, fala a mesma língua, costume tá igual pra igual, mais ou menos. Mas é um país independente que tem seu povo, temos nossa bandeira, nosso exército, nosso presidente, nosso parlamento.[...] Nossa língua é árabe, nós tivemos várias invasões lá, uma das piores invasões que teve no Líbano: a turca, mas assim mesmo continuamos com a nossa língua. Agora se você falar pra mim que é um país que chega perto do ocidente é, porque ele é um país que o povo vota pro parlamento e o parlamento vota pra fazer o seu presidente. Outros países vizinhos, não vou citar nome, são as maiores ditaduras e reis que tem dezenas de anos que tão lá e não sai, o Líbano não. O Líbano a cada seis ano o seu presidente é trocado por outro presidente, e vamo levando [...] O libanês ele evolui mais que os outro país, assim na democracia, na educação, quando tem boa educação tem boa segurança, tem boa saúde, ele sabe o que quer, sabe lavar as mãos, o povo é educado, quer dizer, formado. Então de fato nós temo várias universidades lá, uma delas americana que foi fundada em 1860, uma das primeiras do Oriente Médio, depois temos outra universidade ligada à cultura francesa também. Nosso país foi dominado após a Primeira Guerra Mundial pelos francês. [...] tem varias atividades ligada ao ocidente e outras ao oriente que é o que interessa a nós, o que é bom do oriente a gente agarra, o que é bom do ocidente a gente agarra, também. Então o Líbano é isso aí, é um país maravilhoso, bonito, pequeno mas um país que dizem, como que é, nós somos descendentes dos fenícios, né, isso é importante pra nós. Por que? Porque os fenícios já têm mais de 6 mil ano, e o que esses fenício trouxeram para o mundo: o alfabetismo, trouxeram a troca de mercadoria que é o comércio, inventou o dinheiro e o primeiro povo a navegar, a criar pequenos barco, levava mercadoria para os países vizinhos, porque no Líbano tem muita fruta, levava fruta.

---

<sup>25</sup> Para os libaneses, o Líbano é o local de origem dos fenícios não a Síria.

Outro símbolo que os libaneses usam para representar a sua nacionalidade é a comida, por isso frequentemente libaneses dizem que a maioria dos sírios não sabem temperar, apesar de reconhecerem que a sua culinária é igual à dos palestinos e dos sírios que vivem na fronteira com o Líbano:

Chamava nós de turco porque a Turquia dominava lá. Depois saiu a palavra turco, o povo esqueceu, né, e veio o sírio, você andava na rua o mascate era libanês, esfiha libanês, as comida era libanês, porque a palavra árabe tá agora? Os países árabes não era conhecido, mas depois que houve o petróleo, e todo mundo corria lá, americano, francês, russo, brasileiros todo mundo queria. Aí começou a falar árabe, árabe, árabe, aí começou a falar pão árabe, comida árabe, isso você vê na rua, mas isso tá errado. Na Arábia Saudita comem uma comida diferente da nossa, na Síria tem algumas região como nós, não é toda ela, uma parte ligada à fronteira do Líbano. Quando você vai pra dentro com a fronteira do Iraque, eles comem outra coisa, no Egito é outra comida. Todo país árabe tem a sua diferença não é igual nós, cada país árabe tem a sua comida. Essa comida que fala árabe aqui, não é. Essa comida é **Libanesa**. Pode contar tudo que tem nos restaurante, o cardápio né, seja abobrinha recheada, berinjela recheada, folha de uva, tabule, quibe, quibe cru, quibe assado, quibe frito, chancliche, esse queijinho. Esse chancliche é da nossa region, em! Nem em Beirute eles conhecia, era só nossa região do Norte, chegou no mundo aí, hoje vende em qualquer supermercado. [...] eu também fico chateado tem que falar comida libanesa.

No Líbano são praticadas 17 religiões diferentes, mas as maiores são muçulmana sunita, xiita e cristãos. Maronitas e ortodoxos, constituem os outros grandes credos. De modo que o país é praticamente dividido em três grandes religiões, apesar de haver outras influentes como drusos e protestantes. Grande parte dos estudiosos da guerra do Líbano acham que essa divisão religiosa foi sua causa. O próprio Geertz afirmou que “O rio da história não precisa estar tão envenenado, é claro. Afora o Líbano, talvez a Libéria e talvez o Sudão, ele não esteve, pelo menos não tanto em muitos países (a esmagadora maioria, falando meramente em termos numéricos) internamente atormentados por linhas de fratura culturais” (2001:214). E Gattaz escreveu que

No Líbano, apesar da aparente estabilidade, permanecia o conflito entre os dois nacionalismos – para os cristãos o Líbano era um país mais mediterrâneo que árabe; para os muçulmanos, essa nação original feita por e para os cristãos, não tinha muita atração e sua lealdade prioritária estava com a nação árabe. A invasão israelense do Egito em 1956, o aumento do prestígio de Nasser e a integração do Egito e da Síria na República Árabe Unida em 1958, deram a este nacionalismo árabe um grande vigor. O nasserismo fornecia um foco externo de lealdade aos muçulmanos



libaneses, em detrimento de sua concordância com o Estado libanês, criado pelos cristãos. (2012:48)

No entanto os meus entrevistados, reconheciam essa diferença como causa minoritária, sendo influências externas o que realmente desencadeou o conflito. Foram os problemas dos outros países do Oriente Médio que começaram a “respingar no Líbano”, como demonstra a passagem de uma entrevista, reescrita abaixo:

A guerra civil, alias o Oriente Médio sempre é um lado do mundo, sempre houve guerras e invasões, não só no Líbano mas em várias partes do Oriente Médio, então que chegou a Primeira Grande Guerra e a Segunda Grande Guerra e o ocidente precisa de recursos naturais no Oriente Médio. O que são esses recursos naturais: petróleo. [...] Esse dinheiro que corre lá precisa gastar, e aí gasta nas guerras e quem provoca a guerra são as grandes potências. Aí o povo começou a se armar, depois chegou um vizinho indesejável que se chama Israel que as grande potência criaro ele, porque lá havia um povo chamado palestino. [...] As Nações Unidas dividiram a Palestina em 1948, guerra em 1967 que Israel tomou uma parte da Síria chamada Golan, ocuparam uma parte da Palestina que é a Cisjordânia e uma parte libanês. Quando tem briga na casa do seu vizinho, você é atingido por uma pedra, e o Líbano foi atingido por essas guerra tudo, então houve vários presidente o Gamel Abdel Nasser do Egito que criou o pan-árabe, pra fazer um povo só, uma luta só contra Israel mas vieram a guerra de 67, o Egito perdeu (sínai), a Síria perdeu também. [...] Nesse meio tempo no Líbano, ele se envolveu numa guerra lá, civil, cada um tinha seu próprio pensamento um oriental e outro mais ocidental,. As parte começaram a brigar por causa de bobagem mas a pior coisa foi que veio para o Líbano, 1948, que veio refugiados palestinos. Hoje são seiscentos mil. [...] Esse povo que veio era pra voltar logo depois de um ano dois ano, né, mas Israel não deixava esse povo volta, então eles criaram a resistência armada palestina só que essa resistência começou só do lado libanês. Então você vai ter um Estado dentro de um Estado, um povo armado que se chamam palestinos e são refugiados, faziam uma resistência contra Israel e Israel bombardeava o sul do Líbano e Beirute, e algumas outras partes do Líbano, né, o Vale do Bekaa e algumas outras coisas. Só que nesse tempo houve uma divison, uma parte queria apoiar os palestinos, do povo libanês, e outra parte era contra. Então houve esse choque, essa guerra civil, de fato uma divisão muito grande entre os libanês, que demoro 15 anos. Guerra que era desnecessária brigar por conta dos outro, mas não tinha saída porque uma parte do povo libanês queria apoiar o povo palestina pra eles brigar e fazer resistência das fronteira do Líbano e Israel e outra parte do povo queria paz. Fica difícil escolher que parte você quer ficar porque Israel errou muito. Se eles devolvesse a Cisjordânia, esses palestino sai do Líbano, e o Líbano ficava livre, porque é um incômodo muito grande. Imagina 600 mil habitante, ou não 700 mil mais ou menos e 20% da população do Líbano, que

não é fácil, não há país que aguento isso. Mas com tudo isso o Líbano aguentou até hoje, eles tem energia, tem água, não é 100%, porque o governo libanês não é rico como o da Arábia Saudita, nos temos serviços, um povo estudado[...] O Líbano entrou nessa guerra assim, foi forçado a entrar, não tinha jeito, então essa guerra durou vários anos, mas ela tinha algum (outro) motivo também porque os cristão depois a Segunda Guerra Mundial, quem ocupou o país lá foi os francês e eles deram muito apoio aos cristão. O que quer dizer isso, o presidente lá tem que ser cristão maronita, porque os maronita são ligados ao Vaticano, [...] e o presidente tinha todo o poder, ele podia nomear o primeiro ministro, os outros poderes ele tinha o poder igual a um ditador e as parte muçulmana sempre reclamava disso. Só que até por volta de 1970 os cristão era maioria no Líbano, mas com a guerra lá, a rapaziada querendo trabalhar quem migrou mais foi os cristão. Aí por volta de 1970 os muçulmano ficou a maioria lá. [...] Ano 1989 que parou, infelizmente morreram 150 mil pessoas, mas houve invasões de várias parte do mundo, da Líbia, do Iraque de não sei onde, mas é isso. Aí houve uma intervenção lá das forças árabes por parte das Nações Unidas. A Síria, a Arábia Saudita entraram lá pra acabar com a guerra civil, aí o tempo foi passando e houve ocupação. A Arábia Saudita saiu da ocupação, ficou só os Sírios lá, mas ou menos 5 anos, foi bom ou ruim. Toda ocupação ruim, mas foi bom que colocou os mercenários pra correr. Depois que o Hariri morreu as ONU colocou os Sírios pra sair de lá.

Os sírios também culpam fatores externos por sua atual guerra civil. Para eles a Síria não tem passado por uma guerra civil, mas sim por uma invasão encabeçada pela Arábia Saudita, com apoio dos EUA e Israel. Também para eles, a região de onde vêm a maioria dos frequentadores da Igreja, à época da pesquisa ainda não havia sido afetada pela guerra como as outras, por causa de uma base militar russa. Um senhor me mostrou a fronteira da Síria e por onde as invasões estavam ocorrendo (mapa abaixo) e com a ajuda de quem: pelo grande deserto entre a Síria e a Turquia, pelo Iraque, por algumas cidades no Líbano que são favoráveis à Arábia Saudita, e pela Jordânia com aval do rei. Falou ainda que a população interna, mesmo a oposição, está unida contra a invasão a favor de Bashar.



Mapa feito por mim, após entrevista com o senhor sírio mencionado acima, para visualizar melhor como as invasões estavam ocorrendo.

## Capítulo VI

### Considerações Finais

A identidade étnica dos sírios e libaneses que migraram entre 1890 e 1969 e seus descendentes cristãos ortodoxos que frequentam a Igreja Ortodoxa São Jorge em Brasília é moldada por quatro forças histórico-sociológicas: arabismo, religião, nacionalismo (sírio e/ou libanês) e migração.

As pessoas com quem desenvolvi a pesquisa contam que a migração foi causada por perseguições e guerras, mas suas histórias pessoais revelam que os homens migraram por causa do sonho de riqueza, as mulheres para acompanhar seus maridos e os que vieram crianças para acompanhar seus pais. Todos os homens e algumas mulheres independentes adoram contar sua história de vitória e luta e seus relatos sobre a migração sírio-libanesa, enquanto as mulheres que vieram por causa do casamento e aqui viraram donas de casa são bastante tímidas com suas opiniões. Mesmo idolatrando o Brasil, grande parte da colônia continua etnocêntrica e endogâmica. Apesar de suas diferenças, sírios e libaneses convivem diariamente em Brasília para assim preservar as tradições da terra de origem e para possuírem maior força para convencer os brasileiros de que sua cultura é boa e que eles só acrescentaram coisas positivas ao país. Os grupos que compõem a colônia se dividem por nacionalidade e não há uma divisão entre os que vieram entre 1940-69 e os filhos dos que vieram no começo do século, é como se os que vieram sofreram ou perceberam a mudança política juntamente com os que ficaram lá.

No decorrer deste trabalho pôde-se perceber que é possível pertencer a duas nações diferentes, desde que a existência de uma dessas nações não interfira na existência da outra. Por isso, é possível para os migrantes amarem o Brasil e se considerarem brasileiros sem perder ou mesmo diminuir o amor pela terra de origem ou abandonarem suas raízes. No entanto, não é fácil um libanês se tornar sírio e continuar libanês, ou vice-versa. A migração é capaz de unir grupos distintos, mas cultural e socialmente próximos, a fim de serem melhores aceitos na sociedade receptora, ou por não serem eles mesmos diferenciados por ela. No decorrer deste trabalho vimos que grupos distintos podem se unir a fim de formar um grupo maior e continuar existindo como dois grupos distintos. Há múltiplas maneiras de apresentar o

que se é, as quais variam de acordo com a identidade do interlocutor. Quanto mais local for o nível de integração, maiores serão as diferenças e mais real será a forma de apresentar o que se é.

Os migrantes ao se verem presos entre duas culturas com mentalidades distintas (a da terra de origem e a brasileira), tentam conciliá-las. No caso estudado identificou-se três diferentes modos ideais de conciliar a mentalidade brasileira com a da terra de origem: isolar a casa da rua, usando a mentalidade da terra de origem em casa e a brasileira nas relações externas, como nos negócios, na escola e com as amizades brasileiras; se integrar, deixando a mentalidade brasileira se sobrepor sobre a da terra de origem, a qual fica reservada para espaços de convivência com conterrâneos; e tentar sem sucesso se integrar em todas as esferas mas sem conseguir fazê-lo por continuar pensando completamente com a mentalidade da terra de origem.

A Igreja Ortodoxa São Jorge em Brasília desempenha três papéis para os migrantes sírios e libaneses: reforçar a fé religiosa, reforçar a identidade através de símbolos religiosos (relembrando os fiéis de qual grupo religioso eles fazem parte em oposição a outros grupos religiosos) e reforçar a identidade como um microcosmo da vida na Síria ou no Líbano, frente à sociedade brasileira. Mesmo que o papel de microcosmo da Igreja permitia hifenizar as comunidades síria e libanesa, fazendo com que elas se apresentem como sírio-libanesa ou como árabe, é dentro dela que melhor percebemos as diferenças entre sírios e libaneses, pois é o local em que eles podem conviver e fortificar suas diferenças étnicas. Parecem coesos, por causa da flexibilidade que os faz encontrar em diversos pontos.

A religião cria grupos étnicos distintos dentro da síria e do Líbano, mas não é forte o suficiente para criar um grupo étnico internacional. Ela serve para determinar o pensamento e o modo de vida - a rotina - no país de origem, lá sua função é segregar e separar os diferentes grupos. Aqui apesar da Igreja ter uma função de microcosmo da terra de origem e ser por isso frequentado por membros de outras religiões (druzos, muçulmanos moderados e outros cristãos), ainda assim impera um certo fator de segregação. A maioria dos membros ortodoxos da Igreja afirmam que os ortodoxos são os mais abertos a outras religiões, porém outros membros ortodoxos e os maronitas com quem travei conhecimento fora da Igreja (graças a ortodoxos) afirmam que na verdade eles são muito fechados. O que a Igreja e a fé ortodoxa representa para os ortodoxos que a frequentam varia bastante, mas em geral transparece um certo orgulho de pertencer a elas, por mais que alguns tentem esconder e declarem de antemão ser uma Igreja e uma Fé como outra qualquer.

Os membros de uma nação possuem traços psicológicos e culturais comuns, não por possuírem uma origem comum, mas por acreditarem possuir uma origem comum. Esses traços psicológicos e culturais comuns surgem por meio da criação de símbolos nacionais que fazem com que as pessoas se acreditem iguais e por isso começam a agir buscando assemelhar-se. Historicamente o Líbano e a Síria poderiam não ser duas nações distintas devido ao seu passado comum, mas um segmento começou a se distanciar do outro por meio de relações de amizade e parentela e influência de políticas internacionais, criando assim dois segmentos distintos, que criam mitos de origem distintos indicando que identidades étnicas se desenvolvem a partir da crença de formarem um grupo que se diferencia de todos os outros. O fato de ambos sírios e libaneses culparem fatores externos por suas guerras civis, mostra que o nacionalismo é uma força importante na composição da identidade étnica e que aceitar uma divisão vigorosa entre os membros de seu Estado-nação é negar a identidade seus aspecto nacional. A concepção sobre o que é ser árabe depende da relação desenvolvida com a nação, que para o sírio se trata de uma força cultural e para o libanês é uma força histórico-política.

Quando os sírios e libaneses praticam política ‘cultural’ em Brasília eles se veem enquadrados em projetos que os unificam e segregam, seja uns dos outros ou de seus conterrâneos de outras religiões. Encontramos (a) uma visão unificada da colônia representada pela FEARAB, (b) uma separada representada pelo Clube Monte Líbano (no caso do arabismo), (c) uma unificada pela Igreja mas separada pelo Clube Monte Líbano (a religião ortodoxa), (d) uma unificada pelo clube mas separada pela Igreja – mesmo que encontre momentos de forte expressão dentro dela, não se realiza por completo pois exclui os nacionais de outras religiões (nacionalismo libanes), (e) uma que encontra um espaço de representação na FEARAB, às vezes na Igreja – sírios das mais diversas religiões frequentam a Igreja, e encontra um empecilho no Clube (nacionalismo Sírio), (f) outra que unifica pois gera experiências de vida semelhante e uma vontade de encontrar o igual mas que pode ser a maior fonte de separação (veja as pessoas que não convivem com a comunidade de uma forma ou de outra). A diferença de nacionalidade, muitas vezes presente em forma de uma rivalidade saudável, normalmente é exacerbada pelos libaneses e minimizada pelos sírios. Enquanto os sírios defendem que era para ser o mesmo país e que a cultura é a mesma, muitas vezes guiados por ideais arabistas, os libaneses afirmam que o sírio da fronteira também é cristão e que tem bastante semelhança com o libanês, mas quando você se afasta mais um pouco o povo é totalmente diferente.

A partir do contato com a comunidade sírio e libanesa ortodoxa, percebe-se que a

identidade é simultaneamente contextual e empírica. O indivíduo também é ator/autor de sua identidade, pois é ele que escolhe como se apresentar, que fatores agregar, transformar e manter em sua identidade. No entanto, ele dificilmente irá deixar de ser quem ele crê ser desde que nasceu e que os seus ancestrais foram antes dele. Afinal, um sírio nunca deixará de ser sírio, por mais integrado que esteja a sociedade brasileira, ele apenas se tornará também brasileiro, agregando um novo fator a sua identidade decorrente de sua experiência de vida que o diferencia do resto de seus compatriotas, os quais nem por isso deixam de ser seus compatriotas. No entanto, ele não se apresentará como um sírio-libanês, porque a sociedade brasileira hifeniza a sua identidade, demonstrando que não é possível adicionar aspectos à identidade que possam entrar em conflito com os já existentes e considerados essenciais. Assim vemos que a identidade depende do interlocutor e do ator, de modo que não basta o outro rotular, o portador da identidade tem que aceitar o rótulo. Aquilo que se crê ser por nascimento pode ser considerado essência na medida em que não se transforma e aquilo que se aciona ao se apresentar, ou que é adicionado ou subtraído à medida em que se vive, e que também compõe a identidade étnica, pode ser considerado contextual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, F. “Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras”. In *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro, ContraCapa, 2000.
- BECKER, HS. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOISSEVAIN, J. *Factions, Friends and Feasts: Anthropological perspectives on the Mediterranean*. Bergham, New York, 2013
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 6 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 322p  
 \_\_\_\_\_ *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CURY, L. & ARIMATHÉA, A. *Dos Cedros ao Cerrado: história dos sírios e libaneses de Anápolis*. Anápolis: Starprint Gráfica e Editora.
- DA MATTA, R. *Sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil*. In: *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GEERTZ, C. "O Beliscão do Destino: religião como experiência, sentido, identidade e poder" e “ O Mundo em Pedacos: Cultura e Política no Fim do Século”. In *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.  
 \_\_\_\_\_ “A Religião como Sistema Cultural” e “Ethos, Visão de Mundo e a Análise de Símbolos Culturais”. In *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.  
 \_\_\_\_\_ *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004
- GATTAZ, A. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. 2ª edição. Salvador: Editora Pontocom, 2012.
- GOFFMAN, E. *Estigma: la identidad deteriorada*. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993
- HOURLANI, A. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991



JARDIM, DF. Palestinos no Extremo Sul do Brasil: Identidade Étnica e os Mecanismos Sociais de Produção da Etnicidade. Chuí/rs. Tese( Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2000

LEVI-STRAUSS, C. “Raça e História”. In Antropologia Estrutural dois. São Paulo. Cosac Naify, 2013.

PITT-RIVERS, J. Honour and Social Status, In: Peristiany, J. Honour and Shame: The values of Mediterranean societies. Chicago: University of Chicago press, 1974

RIBEIRO, G.L. Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, ambiguidade e cidadania transnacional. 1998. < <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie235empdf.pdf>>

A Transnacionalidade. 1997. < <http://www.scribd.com/doc/19503341/A-Transnacionalidade>>

\_\_\_\_\_ A condição da Transnacionalidade. In. RIBEIRO, G.L. Cultura e Política no Mundo Contemporâneo, Brasília, 2000.

SIMMEL, G. 1983. In Evaristo de Moraes Filho(org.). Simmel. São Paulo. Ática

SIMMEL, G., 1979. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O.G. (org.). O fenômeno urbano. pp.11-25. Rio de Janeiro: Zahar.

SHAPIRO, H. “O Povo da Terra Prometida”. In Raça e Ciência I. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

SCHUTZ, A. In H.R. Wagner(org.) Fenomenologia e Relações Sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979

TAMBIAH, S. J. 1997, “Conflito etnonacionalista e violência coletiva no sul da Ásia.”  
Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 12, n. 34, jun., pp.5-37.

TURNER, V. 1975. “Symbolic Studies”. In. Annual Review of Anthropology, vol. 4. KUPER, Adam. 1978. Antropólogos e Antropologia. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

TRUZZI, O. M. S. . Patrícios - Sírios e libaneses em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008. v. 1. 354p .

WOLF, Eric R., “Parentesco amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas”, “Nacionalismo camponês em um vale dos Alpes”, “Etnicidade e nacionalidade”, “A formação da nação: um ensaio de formulação” e “A virgem de Guadalupe: um símbolo nacional Mexicano” In: RIBEIRO, G. L. (Org.) ; BIANCO, B. F. (Org.) . Antropologia e Poder. Contribuições de Eric Wolf. Brasília/Campinas: Edunb/Ed. da Unicamp, 2003.